



LIVRO 2

ARISTOCRATA
Proibida

ELOGIOS PARA CRISTIANE SERRUYA



“Foi como ler Jane Austen ou William Shakespeare, mas em inglês moderno.” ~ M. Richardson

“[A história de Cristiane] gradualmente desabrocha, encantando gentilmente o leitor e tocando as cordas do seu coração, cativando os românticos. Leia e você encontrará outra Nora Roberts em seu auge.” ~ Jonhaboutime

“Cristiane Serruya é excepcionalmente boa no que faz.” ~ Dks

“Danielle Steele encontra Cinquenta Tons de Cinza, exceto que a heroína não é tão ingênua. Personagens fortes, mistério, e intriga internacional. Mantém o leitor cativo e com dificuldade de largar o livro.” ~ Pat Harmon

“Cristiane Serruya é uma mestre da caracterização. A profundidade de seus personagens é incrível. A intensidade das relações fará o leitor ansiosamente virar as páginas.” ~ Favoritos dos Leitores (Readers' Favorite)

“É uma daquelas séries que mantém você grudado até o fim e, depois que termina, você se pergunta para onde sua vida está finalmente indo! Os amantes de livros saberiam exatamente como me sinto, suponho!” ~ Resenhe... não critique (Criti... que...don't criti...cize)

“Nora Roberts encontra 50 Tons de Cinza” ~ Paula Penteado

“Logo quando você pensa que sabe o que vai acontecer a seguir, uma reviravolta tão louca que você nunca poderia ter imaginado que é jogada à sua frente.” ~ Pel’amor da Sanidade (For the Luv of Sanity)

“Serruya me levou a uma montanha-russa emocional, com cenas de partir o coração... uma história que fluiu lindamente.” ~ Di

“... história romântica sexy, absolutamente linda e emocional, escrita por uma escritora maravilhoso com um domínio incrível da língua.” ~ Charles Smith

“Você pode esperar o inesperado.” ~ Reflexões de uma Leitora Viciada (Musings from an addicted reader)

“Cristiane Serruya criou um livro com todos os elementos que eu amo: dois loucos possessivos machos alfa, uma forte personagem feminina, drama, intensidade e, mais importante, os momentos mais eróticos e sexuais, sem exagerar.” ~ Resenhas da Amante de Livros S (SBook Lover’s Reviews)

AGRADECIMENTOS



Escrever é um trabalho solitário mas a publicação depende de parceiros leais e dedicados, aos quais agradeço aqui:

Edward M Wolfe, meu incrível editor, que está sempre disponível; com quem converso e rio – e às vezes, choro; quem explica todas as minhas dúvidas e responde o mais rápido possível todos os meus e-mails, durante o dia, noite e fins de semana. Você tem um lugar no meu coração;

Ester Costa, a designer gráfica que fez essa capa tão linda, sempre paciente e disposta a realizar as mudanças pedidas por mim;

Minhas parceiras Instagrammers que me ajudam na divulgação e se empolgam com as minhas histórias e surtam comigo, fazendo valer a pena cada minuto desse caminho árduo da literatura;

A Isa e Bruna da Caixa Criativa e a Amandda da Assessoria Artessa. Meninas, muito obrigada por todo o apoio.

E – claro, sempre! – aos amores da minha vida: meu marido, Raphael, e minhas princesas, Raphaela e Giovanna. Eles odeiam quando digo que tenho uma ideia nova para outro livro. 😜



Era para ser só diversão.

Depois de ter seu coração partido quando jovem, o grão-duque de Tara Românesca, Ivan Danesti-Lieven, prometeu nunca mais se entregar ao amor. Rico e bonito, as mulheres caem a seus pés sem que ele precise mexer um dedo.

Com o reino à beira de uma revolução, a princesa herdeira de Zahara, Verushka Vorontsov, precisa se casar, mas antes disso ela quer um pouco de diversão.

Uma semana na cama do grão-duque, a doce princesa descobre seu lado sexy. Mas quando Verushka deixa Ivan sem um adeus – e de joelhos – ele decide conquistar seu coração.

No entanto, a lei de Zahara não permite que a princesa herdeira se case com estrangeiros e além da fila de pretendentes, o ex-noivo de Verushka está de volta querendo a sua mão – e o trono.

SÓ UM MINUTINHO!
ANTES QUE VOCÊ VIRE A PÁGINA...



Você quer estar sempre informado sobre os meus próximos livros, promoções e brindes exclusivos?

Para estar sempre por dentro, junte-se à minha família VIP.

Visite www.CrisSerruya.com.br e se inscreva na minha newsletter. E o melhor de tudo, você ganha de presente um ebook e um audiobook.

Será um prazer ter a sua companhia.

Com carinho,

A handwritten signature in black ink that reads 'Cris'. To the right of the signature is a small, colorful illustration of a pink rose with green leaves and smaller flowers.

CHAPTER 1



*Leste Europeu, Balcãs
Reino de Tara Românesca, Tara*

Sábado, 09 de maio de 2015

18:30

O amor não é real. Ou mesmo bom para uma pessoa.

Ivan Friedrich Lieven-Danesti tivera essa assertiva provada para si mesmo muitas vezes. Mas hoje não era dia para esses pensamentos cínicos, disse ele para seu reflexo no espelho enquanto prendia a minirrosas branca na lapela de seu smoking, preparando-se para ser o padrinho de casamento de seu melhor amigo.

O espelho mostrava uma juba de cabelos loiros emoldurando um rosto viril de planos angulares, onde olhos elétricos de um azul-gelo brilhante cintilavam. Seu smoking Giorgio Armani destacava perfeitamente seus ombros largos e corpo alto e sólido.

Ele sabia que era um homem bonito e desejado. Mesmo sem anunciar que era o sétimo Grão-Duque de Tara Românesca ou sem elas saberem da imensa riqueza associada ao seu nome, mulheres disputavam sua atenção.

Como um bilionário da realeza, estava acostumado com

mulheres tentando seduzi-lo física e emocionalmente. Só que era imune a seus estratagemas.

Ele poderia viver sem essas complicações e preocupava-se com o fato de Theodoros ter se apaixonado tanto por alguém depois de apenas uma noite com ela. No entanto, tudo o que ele podia fazer era esperar o melhor e estar ao lado do amigo sempre que necessário.

Embora Theodoros fosse um banqueiro bilionário e rei de seu pequeno país, Ivan não estava preocupado que seu amigo estivesse sendo enganado. Mas se preocupava com o fato de um homem se casar com uma mulher tendo como base um relacionamento que começou com amor à primeira vista.

Não tinha nem certeza se tal coisa existia.

Na verdade, não tinha certeza se existia essa aberração de amor verdadeiro – à primeira vista ou não – porque, sinceramente ou existia amor ou não existia. E em seu ceticismo, não existia, e incluía, ou melhor, não incluía o amor pela família.

Ele se lembrou da primeira e única vez em que se apaixonou. Tinha acabado de ganhar seu primeiro bilhão quando Luydmila Tolstoi, uma bela russa alguns anos mais velha que ele, apareceu em sua vida. Responsável pela sua iniciação nos prazeres do sexo – não que ele fosse virgem ou inexperiente –, ela o apresentou a delícias que nunca havia pensado antes.

Depois de alguns meses, ele começou a sentir por ela algo novo. Não apenas desejo físico, embora isso fosse importante – porque sexo com ela era mais que satisfatório ou orgástico, era uma porra de felicidade celestial com um toque de safadeza apimentada para temperá-lo.

Não, era um tipo diferente de emoção, tão forte e poderosa em si mesma que ameaçava roubar seu ar. Uma admiração – e uma necessidade de algo mais.

Depois de algumas semanas quase sem conseguir respirar, ele tomou uma decisão sem parar para analisar o que estava fazendo: foi a uma joalheria, comprou o maior diamante disponível, passou na floricultura, comprou um lindo buquê com orquídeas exóticas e

foi até a casa dela.

Sem ligar antes, como sempre faziam um com o outro.

Ele tinha a chave dela – como ela tinha a dele – e queria surpreendê-la.

Só para encontrá-la toda amarrada na cama com dois homens transando com ela.

Dois de seus ex-amantes.

Sua explicação foi que ela amava Ivan, sim, mas também se apegara emocionalmente a seus amantes anteriores e precisava deles para se sentir completa. Ela até sugeriu que eles poderiam ser um quarteto, e embora Ivan não tivesse nada contra trios ou quartetos, ele era mais um homem de pares.

Daquele dia em diante, ele fingiu que nada havia acontecido – que seu coração não havia sido quebrado, nem sua confiança destruída – e começou a questionar suas opiniões sobre casamento, amor, desejo físico e apego emocional estarem inextricavelmente ligados.

Depois de Luydmila, as poucas vezes em que começou a sentir algo especial por uma mulher – e ele nunca foi tão longe a ponto de declarar que tal a emoção poderia ser amor – eram derrubadas com apenas alguns minutos de autorreflexão honesta e séria.

Apenas dois anos antes, ele tivera outro vislumbre tentador de algo que poderia ter sido um momento mágico, que poderia ter o poder de convencê-lo de que estava errado sobre o amor.

Naqueles últimos meses, ele vinha saindo com Diana Schönberg de vez em quando. Mais longo do que seus casos normalmente duravam porque ela genuinamente o interessava como pessoa. Ou talvez fosse porque ela era muito boa em ocultar seus motivos.

Diana parecia diferente. Ela não parecia estar fingindo nada. Ela não tentava exagerar as coisas que eles tinham em comum, nem compartilhava seus sentimentos sobre as coisas.

Ele não suspeitava que ela estava atrás de seu dinheiro porque ela tinha sua própria fortuna.

Surpreendentemente, ela também parecia ficar bem longe dele de tempos em tempos, o que era um grande alívio, porque ele não

sentia a menor necessidade de tê-la por perto o tempo todo. Ela parecia igual a ele; confiante, rica, atraente e não carente emocionalmente.

Quando eles estavam separados, não importa quanto tempo, eles estavam perfeitamente bem, quer houvesse outra pessoa também compartilhando a sua cama – ou a dela.

Se houvesse, ele não se sentia culpado. Se não houvesse, ele não se importava. Logo haveria; assim que ele desejasse. E se Diana também estava se divertindo, tanto melhor.

Eles tinham mentes abertas, portanto, seu relacionamento funcionava bem, o que o agradava muito. Eram uma boa combinação.

Então, no meio de um dia de calmas águas do mar Mediterrâneo sob um lindo céu azul, quando ele e Diana estavam em seu veleiro, houve um momento estranho. Um momento tão fugaz que poderia ter sido facilmente perdido. O barco estava sendo empurrado suavemente em direção ao horizonte por uma brisa suave, sem ninguém ao redor por quilômetros. Depois que fizeram sexo no convés superior, Diana sugeriu que ele descesse para pegar uns aperitivos enquanto ela preparava os drinks.

Quando ele chegou ao pé da escada, teve um vislumbre dela apoiada na amurada, olhando para o mar, com um sorriso suave no rosto lindo. Ela parecia tão contente em ser ela mesma, olhando para as extensões azuis do mar e do céu. Pacífica e confortável em sua própria pele, de pé no barco sem uma peça de roupa.

Ele teria adorado capturar aquele momento em uma fotografia de alta resolução e emoldurá-lo. Teria intitulado: *a mulher perfeita*. Ela tinha tudo o que queria e não precisava dele. E era exatamente disso que *ele* precisava.

Quando voltou ao convés, ela estava esperando por ele e entregou-lhe sua bebida, sorrindo como se tivesse algo bom em mente. Ela estendeu a mão para passar os dedos por seu cabelo e puxou sua cabeça para baixo, beijando-o ardentemente por um momento, antes de dizer: “Estava pensando...”

Ele estava pensando também. Mas ao invés de mandá-la ficar

de quatro e tomá-la rápido e forte por trás, esperou que ela continuasse.

“Como fico feliz quando estamos juntos.” E então acrescentou: “Sinto como se tivesse me encontrado. Me sinto... completa.”

A ereção dele murchou e qualquer desejo que ele tivera por ela, azedou.

Tinha entendido tudo errado. Ela não estava cem por cento feliz em sua própria pele, com quem ela era. Ela nem mesmo estava inteira em si mesma, precisando dele para completá-la.

E aquele foi o fim do relacionamento.

Theodoros encontrou sua companheira e viverá feliz para sempre. Depois de tantos problemas em sua vida, ele merece.

Ivan deixou seus aposentos e desceu as magníficas escadas para se juntar ao noivo.

Tinha quase certeza de que as pessoas se iludiam pensando que o amor estava acontecendo com elas. Não só isso, ele suspeitava que era um sinal de fraqueza emocional. Esse não era um pensamento que compartilharia com alguém. As pessoas entenderiam mal e não tinha desejo nenhum de explicar que não significava que ele pensava que quem se apaixonava era fraco e que ele era mais forte do que elas, mas sim, que as pessoas que estavam perdendo algo dentro de si e tentavam encontrá-lo nos outros.

Mas na realidade, todas essas complicadas elucubrações kantianas eram para justificar que, desde Luydmila, inconscientemente havia jurado nunca se apaixonar por ninguém, mesmo que não reconhecesse isso.

Ele estava muito feliz com como e com quem era, e não tinha nenhum buraco em seu coração que ele sentia que só poderia ser preenchido pelo amor de outra pessoa. *O amor é apenas uma ilusão. Uma pela qual não me apaixonarei.*

CHAPTER 2



21:00

A princesa Verushka Rafaella von Zahara Vorontsov estava detestando a elegante festa de casamento do rei Theodoros e da princesa Catarina, sua meia-irmã.

Havia apenas duas semanas que seu meio-irmão mais velho, Konstantine, o Rei de Zahara, recebera um telefonema informando-o que a meia-irmã, que seu pai procurava por tantos anos, aparecera.

Mas não era isso que a deixava desanimada com a celebração.

Também não era porque Verushka fora rebaixada do posto de princesa herdeira, já que Catarina era mais velha do que ela.

Nem tampouco porque a mãe de Catarina tinha sido uma das inúmeras amantes de seu pai.

Era sobretudo porque simplesmente estar presente neste casamento – ou em qualquer casamento, por falar nisso – a lembrava da sua pior humilhação.

Pouco mais de um ano atrás, fora ela quem usara um lindo vestido de noiva em seu dia supostamente especial.

Exceto que para ela aquele dia não tinha sido especial.

Seu noivado com Bodashka Fadeyushka, que não era membro da realeza como ela, mas um zaharaense suficientemente rico e

influyente para justificar o casamento com uma princesa, não fora exatamente um caso de amor, nem mesmo de paixão enlouquecedora por parte dele – apesar de o noivo ser um homem para mulher nenhuma colocar defeito.

Alto, forte, com cabelos negros como a noite e sedutor, bastou Bodashka olhar para a Verushka, que ela nem pensou duas vezes em aceitar primeiro o pedido de namoro, depois o de noivado e, por fim, o de casamento.

Naquela época, de uma coisa ela tinha certeza: para ele, ela era somente um degrau.

Já para a família Vorontsov, ele era um peão estratégico, pensado para aumentar a avaliação favorável da coroa com um setor da população de Zahara que não estava satisfeito com a família governante.

Na época, com trinta e três anos, Bodashka era um empresário carismático e adorado pelas classes mais baixas, que acreditavam que ele era descendente de Gengis Khan, e sempre fora um crítico efetivo do rei. Trazê-lo para a família real por meio do casamento traria vários benefícios incluindo apoio popular para os Vorontsov.

O *match* foi celebrado e estampado em todos os jornais, até porque eles faziam um belíssimo par já que Verushka era saudada como uma das mulheres mais bonitas da Europa.

O que, para ela, era um elogio estranho e sem sentido.

Em primeiro lugar, porque ninguém poderia levar o crédito por sua aparência natural; em segundo lugar, porque a própria Verushka não se *sentia* bonita; e por último, e ainda mais importante, a aparência externa de uma pessoa nada dizia sobre o seu caráter.

Ninguém poderia dizer, olhando para ela, o quão gentil ou inteligente ela era. Ou que apesar de ser uma diplomata talentosa, capaz de conversar facilmente com chefes de estado, líderes empresariais e qualquer tipo de pessoa, a nível pessoal e íntimo, ela era totalmente incompetente.

E ninguém diria ao olhá-la que quando ficava sozinha com um homem, não sabia o que dizer ou o que fazer.

O casamento com Bodashka – cujo nome significava *presente de deus* – não seria apenas perfeito para sua família, mas também para ela. O mundo não teria a oportunidade de saber que ela era falha como criatura sensual. Eles não a veriam envelhecer, sozinha e sem amor, porque ela não sabia nada sobre ser romântica, ou mesmo cobiçar alguém carnalmente. Mesmo que ela devorasse romances na tentativa de descobrir o segredo.

Naquela época, ela estava muito preocupada em não falhar com Bodashka para notar outros detalhes. Ele já havia insinuado que a achava muito arrogante, afetada e sem graça, e uma vez ela o ouviu dizer ao telefone que era frígida. Não que ele tenha usado essa palavra exatamente. Não, ele disse algo muito, mas muito mais degradante.

A partir desse dia, ela decidiu que iria agradá-lo, apesar de suas inseguranças, então nos momentos livres entre ajudar seu irmão e cuidar das necessidades sociais de seu povo, ela estudou alguns livros sobre sexualidade humana que encontrou na biblioteca do palácio. Ela até conseguira pedir secretamente uma cópia do *Kama Sutra* – o que era quase impossível em Zahara, já que toda a sua correspondência era aberta pela segurança antes de lhe ser entregue. Assim como sua navegação na web e suas conexões eram monitoradas continuamente.

Mas os livros de não ficção lhe ensinaram pouco mais do que os romances clássicos que lia.

Ainda assim ela se agarrava à esperança de que Bodashka estaria suficientemente apaixonado pela ideia de ser um membro da família real para superar sua frigidez e lhe ensinar o prazer. E rezara para que ele se satisfizesse e não arranjasse amantes já que o divórcio não era permitido em Zahara.

O que ela não entendia era se ele tinha tanto a ganhar, por que jogara tudo fora e a humilhou publicamente ao fugir?

Seu rosto corou de vergonha e raiva ao se lembrar do tradicional desfile da noiva em carruagem aberta pelas ruas de Sanct Zara, a pequena capital de Zahara.

Ela acenara alegremente para o mar de rostos lotando as ruas

até a carruagem parar em frente à Catedral de Santa Darinka. Todos sorriram e acenaram de volta.

Então, conforme os minutos passaram e seu irmão não aparecia nos degraus da igreja para levá-la ao altar, as pessoas começaram a olhar ao redor e sussurrar por trás das mãos.

Mesmo assim, ela continuara sorrindo e beijara as poucas crianças que tiveram permissão para se aproximar e dar-lhe presentes e flores.

Antes que ela entendesse o que estava acontecendo, seu irmão saíra da catedral pisando duro e com o rosto fechado e os repórteres se aglomeraram ao redor da carruagem, gritando suas perguntas, enfiando seus microfones em seu rosto, exigindo saber por que ela fora deixada no altar.

Os flashes espocaram ao seu redor deixando-a ainda mais confusa. Deveria continuar sorrindo? Ou pular sobre o cocheiro, pegar as rédeas, dar meia-volta com a carruagem, voltar para o palácio e nunca mais sair?

Os milhões de pessoas ao redor do mundo assistindo à transmissão ao vivo puderam ver o espanto e tormento em seu rosto. Viram as lágrimas inundarem seus olhos quando seu irmão gritou que os seguranças afastassem os repórteres e subiu na carruagem com ela, ordenando ao cocheiro que os levasse de volta para o palácio o mais rápido possível.

Konstantine se virou para ela e explicou sucinto: — Bodashka desapareceu e o cerimonialista do palácio não consegue localizá-lo em nenhum lugar de Sanct Zara.

Foi a confirmação de seu pior medo: não era boa o suficiente para um homem. Era um fracasso como mulher.

Agora, todos sabiam que nem mesmo um plebeu a queria como sua esposa, uma vez por trás de sua beleza e seu cérebro, ela carecia de alguma coisa muito essencial, que a tornava desagradável, a ponto do homem abandoná-la no altar.

A princesa noiva rejeitada tornou-se o assunto do país e de todas as revistas de fofocas europeias.

Depois dessa experiência, ela teria evitado todo e qualquer

convite de casamento até o dia de sua morte, se pudesse, mas seu irmão insistiu muito para que ela viesse neste casamento em particular. Ela concordou, como sempre fazia quando era melhor para sua família e seu país. Então, aqui estava ela.

De toda forma, ela não precisava gostar.

Apesar de desejar a Catarina toda a sorte do mundo, Verushka não pôde evitar sua pontada de cinismo ao observar seu irmão sair da pista de dança e devolvê-la ao marido, Theodoros, e o casal sorrir um para o outro e começar a dançar novamente, claramente apaixonados.

Niet. Não é cinismo. É realismo. O amor é só uma ilusão passageira e os casais não ficam juntos para sempre.

As estatísticas não mentiam. Por mais felizes que Catarina e Theodoros se olhassem hoje, de acordo com os números, só havia cinquenta por cento de chance de que ainda estivessem casados daqui a três anos.

Acreditar que você encontrou o amor é tão louco quanto ter certeza de que o bilhete de loteria que você acabou de comprar será definitivamente o vencedor. Você pode ter tanta certeza quanto quiser; não muda nada.

Verushka balançou a cabeça levemente, consciente de que não deveria pensar assim, mas ter sido rejeitada não a tornava simpática a esse tipo de celebração.

Os relacionamentos eram como o arranjo de rosas brancas atrás do qual ela estava se escondendo.

Neste momento, ele estava lindo. Perfeito. Com jeitinho, ela puxou uma rosa e a cheirou. O perfume forte e adocicado.

Em dois ou três dias, aquele arranjo estaria jogado em uma lixeira, as rosas murchas e fedendo, apodrecendo.

Apesar de toda a beleza da festa de casamento ao seu redor, ela estava pronta para voltar para o hotel e amanhã voar de novo para casa onde tinha pilhas de trabalho esperando.

Verushka poderia se esconder em seu quarto, esconder-se sob camadas de roupas elegantes e joias brilhantes, mas não conseguia se esconder de sua própria vergonha e humilhação.

Por um momento, ficou com ciúmes, desejando que pudesse ser

como uma daquelas pessoas felizes desfrutando da pequena celebração.

Os convidados riam e brincavam como uma família gigante, como se houvesse uma comunidade inteira ligada por algo que ela não conseguia entender: o amor e o romance que sempre a iludiram.

Os noivos e muitos outros casais riam, dançavam e flertavam com facilidade. Até sua mãe, a princesa Mykhaila, estava dançando com um jovem loiro e sorrindo. Não que Verushka quisesse a infelicidade da mãe.

Aos quarenta e dois anos, Mykhaila era uma mulher bonita e ainda bastante jovem, no auge de sua vida, que havia sofrido, silente, incontáveis humilhações na mão do marido.

As ametistas amarelas e roxas em sua coroa cintilavam à luz do salão de baile e destacavam seus cabelos pretos que começavam a ficar grisalhos. Seu vestido de baile amarelo era simples e ao mesmo tempo deslumbrante. Ele se amoldava às formas de Mykhaila com facilidade, acentuando suas curvas e seu corpo lindo.

Verushka tinha herdado sua figura cheia e curvilínea da princesa Mykhaila e esperava que um dia sua mãe encontrasse um novo amor e findasse a solteirice. *As jovens viúvas são sempre um espetáculo doloroso de se ver.*

As noivas rejeitadas são ainda mais lamentáveis do que as jovens viúvas – pelo menos as viúvas foram estimadas. Ou não...

— Você quer dançar?

CHAPTER 3



Leste Europeu

Na península entre o Mar Negro e o Mar de Azov

Perto da fronteira com a Rússia

Em um reino chamado Zahara

21:30

— *F*ilha da puta! — Bodashka Fadeyushka bateu com o punho no volante pela terceira vez em cinco minutos enquanto se afastava da sua casa, as lâmpadas suaves que iluminavam precariamente a varanda desaparecendo lentamente em seu espelho retrovisor. — A vadia vai aprender desta vez.

Estava puto porque sabia que tomaria esporro da líder dos DragonSlayers, grupo secreto formado por membros ativos do Movimento para a Democracia de Zahara.

Como único descendente de Gengis Khan, ele tentara trabalhar numa organização não-governamental, que cumpria a lei, mas percebeu que poderia levar décadas para atingir seus objetivos e que era necessária uma pressão adicional sobre a monarquia de Zahara.

O povo sentia a necessidade de uma reforma urgente.

Por causa disso ele se juntou aos DragonSlayers. Para impulsionar as coisas e acelerar o processo pelo qual o DEZA poderia adquirir poder político em Zahara e, finalmente, anexá-la de volta à Rússia. Ou algo parecido. Bodashka não tinha entendido muito bem a parte política, a não ser que no processo, se tornaria um herói aos olhos do povo.

Só que Verushka, com suas entrevistas pós-fiasco do casamento conseguiu convencer a líder do DragonSlayers – além da própria família, um grande número de seus amigos, o povo de Zahara, e só Gengis saberia a quem mais – que foi culpa dele que não haviam se casado.

Claro, ele era culpado por desaparecer, mas fora porque, entre outras coisas, o idiota do rei que exigira uma assinatura de último minuto de um contrato pré-nupcial, garantindo que ele nunca seria herdeiro de Verushka em quaisquer circunstâncias e pior, que nunca ocuparia um cargo no governo.

— Eu tinha todo o direito de estar chateado — decidiu ele.

Talvez ele pudesse consertar as coisas agora que os DragonSlayers estavam juntos novamente.

— Vá lá e arrume a bagunça que você fez — Sasha Abramov, a líder dos DragonSlayers, dissera a ele um tempo atrás.

Só por isso que ele estava voltando agora para Sanct Zara.

Ele não tinha certeza de quanta limpeza seria necessária para desfazer o que deixar Verushka no altar tinha feito. Nem quando ele teria outra chance tão perfeita de matar a família real.

Logo, muito em breve, chegaria a hora certa e ele estaria pronto. Pronto para assumir seu lugar de direito no governo, como havia prometido um importante membro do governo Putin. Bom, pelo menos foi isso que Sasha tinha dito.

Ele olhou pelo retrovisor e, mesmo que não pudesse ver nada além da chuva forte que caía, prometeu: — Desta vez, não vou falhar com você, Sasha.

Porque desta vez não falharia com ele mesmo.



Rússia
Perto da fronteira de Zahara

21:45

Sasha Abramov ergueu os olhos dos papéis sobre a mesa enquanto Nastuyne Arkhangelsky, a segunda em comando do DragonSlayers, organizava o galpão para a reunião que haveria mais tarde, escondendo qualquer vestígio das meninas que iriam para um bordel na Turquia na próxima semana.

— Você acha que ele tem chance de endireitar as coisas? — perguntou Nastuyne, referindo-se a Bodashka.

— Você acha?

Nastuyne coçou a cabeça e foi para junto da mesa de Sasha. — Acho que não. Ela ficou muito chateada em ser humilhada na frente de todo o mundo, sabe.

— Bem feito para ela aprender a tratar bem seus súditos. — Sasha puxou Nastuyne pelo suéter e beijou-a na boca. — Mas que Bodashka é um idiota perfeito, ele é. Não acho que ele irá convencê-la, mas ele é dispensável e... portanto um ótimo peão. E se ele conseguir alguma coisa com a freirinha, ele ainda será dispensável, mas pelo menos ele terá servido ao seu propósito.

— Ela não é de todo ruim — disse Nastuyne. — Nem ele. Tem uma grande parcela do povo que acredita mesmo nessa baboseira que ele conta que é herdeiro de Gengis Khan.

— Cuide para que você não se torne dispensável também. Por mais que eu goste de você, aqui não tem espaço para baboseiras. A causa é o mais importante.

Nastuyne grunhiu meio sem graça e se levantou para lavar os copos e colocar mais lenha na lareira, certificando-se uma última vez de que todas as janelas da grande casa rústica na montanha

estavam bem fechadas e as portas trancadas.

Sasha sorriu ao ver o cuidado que a outra estava tomando.

O que Nastuyne não sabia era que Sasha Abramov não era apenas a líder dos DragonSlayers.

Criada naquela região sob a sombra de homens fortes e forçada a fazer todo o trabalho duro, foi apenas uma questão de tempo até que a sua palavra se tornasse lei no subterrâneo criminoso daquela parte do mundo.

No espaço das montanhas desertas e sem lei entre os dois países, ela governava, controlando cada ato criminoso que por ali passava – garotas, drogas, armas, informação, qualquer coisa – e ganhando um bom lucro com isso. Se uma pessoa precisava desaparecer – ou ser desaparecida – Sasha era a pessoa a ser contatada. Mesmo que pouquíssimas pessoas soubessem disso.

Por muitos anos, tudo o que importava era o dinheiro que o submundo do crime lhe dava.

Não mais.

De um tempo para cá, Sacha passou a querer o verdadeiro poder: o governo que comandava o povo e o amor daquele povo. Ela queria sair das sombras da noite para ser adorada em pleno dia.

E se trapacear, mentir e trair era a maneira de concretizar o seu sonho, que assim fosse. Para tanto, ela fundou os DragonSlayers há uns cinco anos.

Se aquele idiota do Bodashka não tivesse deixado a garota na porta da igreja... ela hoje estaria muito mais perto do trono do palácio.

Se pudesse, ela mesma teria se casado com a princesinha.

E daí que a moça era gelada igual ao pico do Himalaia, como Bodashka reclamava? Um banho de língua bem-dado na bucinha virgem da mocinha derreteria qualquer gelo. E se não derretesse, Sasha poderia ter ensinado à Bodashka outras técnicas muito eficazes em mocinhas relutantes.

Mas o covarde fugira. E ela tivera que colocar seus planos em banho-maria.

— Terminei. — Nastuyne deslizou para o seu colo e lhe deu um

beijo gostoso. — Vamos para a cama. Vou te fazer uma massagem para você relaxar antes da reunião.

Mas só de se imaginar deflorando a princesa Verushka, Sasha já estava excitada. Ela puxou os cabelos da moça mais jovem e olhando dentro dos olhos dela, ordenou: — Quero uma foda de língua. E bem dada.

— Claro, amor — respondeu Nastuyne, com os olhos brilhando. — O que você quiser.

A pobrezinha da Nastuyne tinha certeza de que Sasha sentia algo especial por ela.

O que Nastuyne também não sabia era que Sasha estava acima de sentir amor por mulher ou por homem. Apesar de adorar fazer sexo com ambos os gêneros.

Porque de verdade Sasha só amava a si mesma.

E ela estava muito feliz assim.

CHAPTER 4



— *V*ocê quer dançar?

Ao ouvir a voz profunda, rouca, com sotaque germânico típico de Tara Românesca, Verushka se virou e ergueu os olhos para ver um homem alto e musculoso com uma juba de leão loira e olhos azuis elétricos.

— Eu sou Ivan — informou ele, com um sorriso torto e fez uma pequena reverência.

Por que se preocupar com o Sr. Já-Era quando o Sr. Agora é lindo, disponível e está me convidando para dançar? Suas entranhas vibraram e as palavras falharam quando o homem se empertigou de novo.

O tal Ivan era muito mais alto do que ela, e seus olhos — aqueles olhos azuis, profundos e bonitos — a avaliaram de uma forma audaciosa e sincera.

Embora ela não se importasse com protocolos tolos — porque ela nunca havia entendido os valores contidos em tantas formalidades — ele estava muito mais perto do que o aceitável. A inquietação vibrou em seu estômago.

— É uma pena ter uma ótima música ao vivo como essa e a mulher mais bonita da festa não estar dançando. — Ele pegou a mão dela, virou a palma para cima e roçou levemente os lábios contra a pele sensível de seu punho. — Você não acha?

A respiração da princesa engatou e ela teve que limpar a garganta para responder.

Não que Ivan tenha lhe dado tempo para dizer alguma coisa

enquanto a envolvia em seus braços fortes e a colocava na pista de dança.

É exatamente esse tipo de cara que preciso. Especialmente porque ele parecia estar tão disposto a agir por impulso quanto ela. *Bem, por enquanto, pelo menos.*

Até que a necessidade de controle se reinserisse novamente em sua vida.

Mas e se essa hora nunca chegar? E se eu pudesse viver espontaneamente pelo resto da minha vida? Sem as restrições de viver sob os olhos do público e o constante escrutínio da imprensa.

A ideia era emocionante, com certeza.

— Você ainda não me disse seu nome — falou Ivan, girando-a. — Ou devo apenas continuar chamando você de: a moça mais bonita da festa?

Que bom. Ela estava feliz – e surpresa – por ele não a reconhecer. Seria ótimo passar um tempo com um homem que não lia as manchetes dos tabloides. *Ele tem possibilidades.* — Tenho quase certeza de que você deve dizer que a noiva é a mulher mais bonita da festa.

Sua voz não era normalmente tão ofegante, mas, óbvio, não era todo dia que homens tão lindos a tiravam para dançar. Menos ainda, esses homens não seguravam sua mão e desenhavam círculos preguiçosos com os polegares na palma da mão enquanto dançavam.

— Ela está linda — disse ele, sua voz baixa, seus lábios perigosamente perto da sua orelha —, mas toda mulher fica linda no dia do casamento.

Opa. Verushka girou para longe, segura pelas pontas dos dedos dele, e quando voltou a encará-lo, perguntou: — Você gosta de casamentos?

— Até que a morte nos separe? — Ergueu as sobrancelhas para ela, puxando-a novamente em seus braços. — Duas pessoas se comprometendo a fazer isso uma com a outra é a coisa mais louca do mundo, mas se eu posso conhecer mulheres adoráveis como você enquanto eles estão fazendo isso, quem sou eu para reclamar?

Ufa! Senhor Maravilhoso não é um romântico. Ela sorriu e dançou mais perto dele, roçando seu quadril contra sua perna dura e esperando que estivesse fazendo isso de forma sensual. — Meu nome é Verushka.

Ele deveria ser perfeito para o que ela queria. Com sorte, iria adorar passar a noite com ela e não pediria mais do que ela estava disposta a dar.

— Verushka. — Ivan não ficou surpreso por terminar com a mulher mais linda do casamento em seus braços. Na verdade, era sempre assim. — Um lindo nome para uma linda mulher.

— Obrigada.

O desviar de seus olhos disse a ele que ou ela ficou sem graça com seu comentário, ou não tinha gostado. O que era no mínimo estranho porque a mulher era de parar o trânsito. Sem falar que se movia como se tivesse total consciência de seu corpo, o que provavelmente indicava que era uma deusa na cama.

— Não disse nada mais do que a verdade. Você é linda.

Aos trinta e seis anos, Ivan tinha mais do que visto sua cota de mulheres extraordinariamente bonitas. Mas esta mulher, de carne e osso, ali pertinho, em seus braços, era superlativa. Além de qualquer comparação com quem ele pudesse se lembrar.

Seu rosto parecia ter sido esculpido em uma porcelana com pó de ouro – e se não existia tal coisa como porcelana para esculpir, e muito menos porcelana com pó de ouro, os escultores que tratassem de inventar – lábios e olhos grandes, misteriosos e um tanto tristes, cor de chocolate. Tudo emoldurado por, o que ele podia adivinhar seria, uma massa gloriosa de cabelos sedosos da cor da noite mais escura presos em um coque francês.

O desejo de correr os dedos por aquele cabelo, puxá-lo dos grampos que o prendiam no penteado simples, fez seu coração pular uma batida.

Quando ele a viu, sozinha, de pé junto à mesa vazia, girando uma rosa branca em suas mãos compridas, decidiu que ela seria sua até o final da noite.

Nem tinha se importado em perguntar quem ela era, mas agora

Verushka era seu nome favorito.

Ele se inclinou, inalando seu perfume. Lavanda e algo doce, como açúcar queimado. Não conhecia nenhuma outra mulher capaz de exalar um cheiro como aquele.

Havia algo diferente nela também. Parecia tão confiante e forte, mas tão gentil e sutil na arte do flerte. Por si só, inebriante. Tão diferente do que estava acostumado a vivenciar com mulheres bonitas, que se jogavam para ele, mas se achavam mais reais que a realeza.

O corpo de Ivan estava pegando fogo com desejo ardente. No entanto, pelo porte da mulher ele sabia que não podia simplesmente levá-la para um canto escuro para um amasso bem-dado antes de levá-la para sua casa. Ia ter que rolar uma sedução mais delicada.

Eles terminaram a dança na frente do casal recém-casado.

— Vejo que você conheceu o primo de Theodoros, Verushka. — Catarina sorriu, agarrando a mão de Verushka e apertando seus dedos.

Verushka deu um sorriso para a meia-irmã.

Ela e Catarina se conheceram recentemente e ainda estavam se conhecendo, o que não era simples, pois Verushka era uma pessoa tímida por natureza e tinha se tornado ainda mais reservada devido ao cargo que ocupava.

O gesto de Catarina lhe parecia ao mesmo tempo excessivamente familiar e extremamente bem-vindo, já que poucas pessoas a tocavam.

— Ah, não sabia que eles eram primos.

Antes que Ivan pudesse dizer qualquer coisa, uma voz feminina os alcançou.

— Acabei de me lembrar onde a vi antes. A noiva... no ano passado ela foi... na porta da igreja...

Qualquer conversa que os quatro fossem começar a entabular morreu ali mesmo.

Ivan pensou que Verushka fosse sorrir, depois pensou que fosse chorar, mas a contração no canto de seus lábios e olhos

desapareceu segundos depois.

De repente, o fato de a mulher mais linda da festa estar se escondendo atrás de um arranjo de rosas brancas fez sentido: a Verushka em seu braço era a princesa herdeira de Zahara, Verushka Rafaella von Zahara Vorontsov, deixada na porta da igreja para o mundo inteiro ver. Ele se recordava vagamente de como as revistas de fofoca que sua irmã, Klaryssa, gostava de ler, mostravam seu rosto bonito atordoado enquanto a carruagem retornava ao palácio. As capas das revistas e dos jornais estamparam aquele rosto lindo por semanas a fio, especulando o porquê da fuga do noivo, o que se faria com os presentes, entrevistando pessoas do povo de Zahara e até convidados do casamento.

Quando menino, Ivan ia e voltava entre dois mundos – entre a alegria de sua mãe afetuosa e amorosa e a violência de seu pai frio e aristocrata, tão terrivelmente educado e exigente.

Agora estava aquele silêncio gélido que Ivan associava a esses momentos de educado constrangimento. Aquela momento em que todos ao redor faziam um cálculo com base nas boas maneiras e decidiam guardar seus pensamentos para si mesmos, ao invés de falar em voz alta e arriscar uma grosseria.

Ele fora o alvo desse silêncio muitas vezes quando chegou ainda muito novo naquele colégio interno muito caro e exclusivo.

Logo no dia de sua chegada, na sua apresentação aos futuros amigos, professores e diretores, ele admitiu que passara o verão ajudando os empregados de seu pai no trabalho manual; que seu passatempo favorito era ler; e que sua mãe, antes de se casar com seu pai, foi uma dançarina de *cancã*. O reitor e os professores se entreolharam, olharam para os alunos – todos meninos ricos e bem-nascidos, que tinham caído na gargalhada – e por último, de volta para ele. Com um sorriso de lábios fechados, o diretor mandou-o sentar e chamou outro aluno para se apresentar.

Na verdade, ele não fizera amigos além de Theodoros que só chegara no final do seu primeiro ano no colégio interno.

Quase todas as vezes que falava, era recebido com silêncio, com

escárnio ou ainda com porradas, dependendo da civilidade do público. Ele era um solitário involuntário, frequentemente objeto de pegadinhas, embora não achasse nenhuma delas engraçada, como a vez em que alguém urinou em sua garrafa de água. As coisas só mudaram depois que Theodoros deu um chega para lá em um menino mais velho.

Embora o silêncio, neste caso, pudesse ser considerado boas maneiras, ele podia cortar. E fundo. Ivan sabia precisamente quão fundo.

Por isso, não deixaria esse silêncio se estender por nem mais um segundo.

— Bem, Catarina, você definitivamente tem uma irmã leal — disse ele. — Quando disse a Verushka que ela era a mulher mais linda da festa, ela insistiu que essa distinção pertencia a você.

CHAPTER 5



Verushka realmente não precisava que Ivan expressasse seus sentimentos para a meia-irmã. Apesar de simpatizar bastante com Catarina, ainda não sabia o que pensar dela, mas estava grata por ele dizer algo, porque não sabia como reagir à tensão inevitável.

— Ivan é um canalha. — Theodoros piscou para Verushka e riu. — Não o deixe roubar seu coração.

Ivan e Catarina se juntaram a ele na risada.

Verushka sentiu a intensidade do olhar azul de Ivan sobre ela e um arrepio percorreu sua espinha. Foi um olhar pungente, como se ele fosse um conhecedor observando uma taça de vinho para decidir se era boa o suficiente para ser degustada. Não era a primeira vez que ela era considerada assim, mas havia algo diferente naquele olhar, a intensidade, o foco.

Como se estivessem sozinhos...

Como se estivessem prestes a se tornar íntimos... O que não era uma má ideia.

Um ano atrás, um homem como esse foi a minha ruína. Aprendo com os meus erros. Mesmo com esse pensamento martelando na cabeça, ela jogou a cabeça para trás e se juntou às risadas. — Não vou deixar. Prometo.

— Mais fácil ela roubar o meu coração.

As palavras soaram estranhas aos ouvidos de Verushka, tão estranhas que a deixaram ligeiramente tonta. Porque ela estava tendo umas ideias meio loucas.

Ela precisava sair dali. Agora. Precisava de um momento. De ar. Mas ela não queria ficar sozinha. Sozinha com seus próprios pensamentos.

Se Ivan fosse com ela, seria perfeito.

Ela precisava de uma distração e ele bem que poderia ajudá-la com isso.

Além do mais, ela estava *livre*, graças a Catarina. Não era mais a princesa herdeira. Ao menos, por enquanto. Podia se dar ao luxo de ser irresponsável igual a seus outros irmãos.

Uma estranha em uma terra estranha. Com um estranho. Poderia ser uma experiência bem interessante para ela. Estimulante.

Uma pequena distração de curto prazo era exatamente o que precisava.

A hora de ser impulsiva era *agora*.

Não era o tipo de coisa que ela normalmente fazia. Na verdade, não era o tipo de coisa que fazia. Ponto.

Sua vida inteira foi controlada por mãe e pai, tutores, professores. Depois por seu irmão e mal ou bem por Bodashka.

Ela olhou para Ivan com seu melhor sorriso. — Você gostaria de tomar um pouco de ar?

Os olhos azuis brilhantes dele estreitaram, mas os cantos de seus lábios se ergueram. — Adoraria.

Eles abriram o caminho através da multidão, o sorriso dela grudado no rosto, até finalmente chegarem do lado de fora em uma grande varanda.

As grandes portas francesas se fecharam suavemente, silenciando a música.

Caminhando até onde a parede de pedra encontrava a balaustrada, ela mexeu-se nos pés, sentindo-se perdida. Como no palácio Dilkiso, os jardins do Palácio Danesti eram ricos em obras de arte.

Verushka fingiu interesse nos vasos decorativos de mármore colocados no topo da balaustrada que, no momento, estavam sendo usados para arranjos de flores.

Ser impulsiva era uma coisa. Saber como agir de acordo com esses impulsos era outra coisa muito, mas muito diferente. Agora que ela estava sozinha com o homem, ela não sabia o que fazer com ele.

Ivan caminhou até a balaustrada de pedra e encostou-se nela.

Ela arrancou uma rosa colombiana branca do arranjo perto e a cheirou. — Está uma bela noite.

O reino de Tara Românesca era um bem menor do que Zahara, mas ambos não tinham a poluição luminosa pesada das grandes cidades para bloquear o brilho das estrelas.

— *Ja, está.*

Observando-o criticamente, ela procurou por falhas e não encontrou nenhuma, apesar dos excessos.

Ele era muito alto, muito musculoso, incrivelmente gracioso apesar do corpo forte que nem mesmo seu smoking caro conseguia disfarçar. E seu rosto era um perfeito exemplar de arte bruta, os olhos azul-gelo elétricos e lábios atraentes emoldurados por uma abundante cabeleira loira.

Tanta beleza, graça e sensualidade em apenas um homem deveriam ser proibidas.

Contudo, eram exatamente todos esses excessos que o tornavam um espécime magnífico e único da população masculina.

— *Passei na prova?* — Sua voz profunda tinha um tom divertido.

Droga. Pega em flagrante olhando para ele, Verushka sorriu em resposta e nervosamente abaixou a cabeça, girando a rosa de cabo longo entre os dedos. *O que eu estou fazendo?*

Ele soltou uma risada baixa e tirou a rosa dos dedos dela, cheirando-a e depois colocando-a na balaustrada. Os dedos longos brincaram com o babado em torno de seu decote. — Vermelho combina com você. Você está magnífica nesse vestido.

Uma das razões pela qual ela escolhera este vestido. Pela primeira vez na vida, ela esperava atrair os olhos dos homens e, com a ajuda e o apoio de suas irmãs, optou por um vestido de gaze vermelha sexy, transparente e bem decotado. Queria mostrar ao

mundo que o que Bodashka havia jogado fora era material de primeira classe.

E o vestido exibia sua bela figura e seus seios fartos, que os homens amavam olhar.

— Obrigada. — Ela juntou as mãos na frente dela.

Ele se aproximou – de novo perto demais – e ela pôde sentir o cheiro do charuto que ele fumara um tempo atrás e uma colônia sutil, deliciosamente masculina.

E a sensação engraçada estava lá em sua barriga novamente. Descendo.

Ela estava com um tesão louco pelo primo de Theodoros.

Preciso ter uma longa conversa com... Com quem?

Embora Mykhaila ainda fosse jovem, ela nunca teve uma conversa aberta com sua filha sobre homens. Suas irmãs gêmeas eram bem mais novas. Seus meios-irmãos do primeiro casamento de seu pai eram bem mais velhos e todos homens.

Ela o espiou por entre os cílios baixos e o olhar esfumaçado em seus olhos a fez se sentir devorada. *Sim. Um homem perigoso para qualquer mulher sã. Será que ele é tão fantástico na cama quanto é bonito e másculo? Ou será que ele só se preocupa com o próprio prazer?*

Absorvida por seu dilema, ela soltou um longo suspiro.

O que fez seus seios se empurrarem contra o decote, para deleite de Ivan, que inclinou a cabeça para o lado, encontrando o olhar dela. — Tenho a sensação de que você não é como as outras mulheres.

Estou fazendo algo errado? — Se eu não sou como elas, isso significa que as outras são todas iguais?

Ele riu. — Bem, a maioria das mulheres estaria me agarrando e tentando tirar minhas roupas agora.

Bem, pensei nisso. Mas quando ele desviou o olhar do dela, pareceu-lhe como se ele tivesse levado embora o calor também.

Mesmo ansiando por sua atenção, ela não sabia o que fazer. Ou dizer.

Era em situações como essa que ela sentia que sua virgindade levantava a cabeça e anunciava sua falta de habilidade. Ela não

conseguia flertar. Não conseguia seduzir. A única coisa que sabia fazer era usar um lindo vestido e falar de política interna e externa, de desigualdade de gênero e social.

Durante toda a sua vida, Verushka foi criada para ser a cogovernante e a princesa herdeira de Zahara. Sua virgindade deveria ser oferecida ao marido e a mais ninguém. Uma princesa herdeira deveria ir para a noite de núpcias imaculada.

Mas com Catarina em cena essa honra não lhe pertencia mais – apesar da meia-irmã jurar que iria renunciar.

Talvez eu possa finalmente me livrar de uma vez por todas dessa maldita membrana. — Bem, eu precisava de um pouco de ar fresco. Convidei você para ser educada.

Com o canto do olho, ele deu a ela um olhar astuto. — É mesmo?

Ela respirou fundo para se acalmar. Não queria parecer fraca para ele e normalmente não era. Em qualquer outra circunstância, ela estaria confiante e no comando da situação. Havia sido treinada desde que aprendera a falar em como encontrar tópicos de conversa com qualquer pessoa.

No entanto, com um cara... Por que ela não conseguia pensar no que dizer? — É mesmo. Precisava sair de lá. Há muitas pessoas e todos estão felizes.

— E você não está.

Ela não queria insinuar isso. Não tinha a intenção de dar a ele qualquer pista sobre o que estava sentindo. — Claro que estou. Estou muito feliz por eles.

As sobrancelhas loiras-escuras dele se ergueram antes de ele olhar para o céu novamente. — Eu também. No entanto, isso me lembra o quão sozinho estou esta noite.

Ela abaixou a cabeça para esconder seu sorriso envergonhado. Era quase como se ele tivesse lido sua mente. — Você parece ser capaz de ir direto ao cerne da questão.

— Fui informado que é uma habilidade minha.

— Isso pode te dar problemas algum dia. — Aqueles olhos azuis brilhantes pareciam penetrar em sua alma, ir fundo, a

profundidades que nem ela percebeu que estavam congeladas até que aqueles olhos começaram a derretê-la.

Ele riu. — Isso me causa problemas com frequência.

A voz dele dominou seus nervos, acalmando-a e excitando-a ao mesmo tempo. O canto de seus olhos se apertou enquanto ele ria, linhas finas aparecendo.

A companhia dele era mais que agradável, mas não tinha ideia do que dizer a ele. Se ele fosse um diplomata ou alguém que ela precisava conhecer por razões políticas, teria mil coisas para discutir.

O que se fala fora disso?

Sexo.

Ela quase caiu na gargalhada o pensamento de si mesma discutindo tal assunto com um homem. Ela não tinha nenhuma experiência no assunto além do que tinha lido, então não, sexo não era um assunto que ela pudesse discutir.

Apenas pare com isso, Verushka. Você não é uma vagabunda. Ela só queria perder a virgindade. Isso poderia acontecer a qualquer momento, desde que fosse nos termos dela.

— Mas com você aqui — disse ele, a voz de repente aquecendo seu pescoço —, não estou mais sozinho.

O coração dela disparou e um fogo cresceu em suas veias. Ela se voltou para ele, que estava tão perto que seu calor a envolveu. *Como seria beijar aqueles lábios deliciosos?*

Ele parecia se perguntar a mesma coisa, enquanto colocava as mãos em cada lado de seus ombros, prendendo-a sem tocá-la. Perto, mas não se forçando a ela.

Exatamente o que ela precisava. Esta tinha que ser uma escolha dela. *Ele poderia ser meu. Por um momento. Por um dia. Pelo fim de semana.* Era improvável que os tabloides a seguissem aqui em Tara. Ela poderia ter a liberdade de fazer o que bem quisesse. E não podia negar que o queria.

Ela tocou seu rosto, puxando-o para mais perto com a ponta dos dedos.

Com um leve sorriso, ele obedeceu.

*image
not
available*

— Como assim? A noite mal começou. — Ele sorriu para ela, parecendo jovem. — Na verdade, é muito revigorante estar sozinho com uma mulher em um canto escuro e ainda estar vestido.

Aquele fogo eletrizante nos olhos azuis enviou uma chama que ecoou entre as suas pernas. Ela só poderia tê-lo por uma noite, mas o teria. Suas interações com este homem, embora superficiais até agora, eram muito mais tentadoras do que qualquer minuto que havia passado com Bodashka. Ela queria mais disso.

— Jura? Pensei que fosse ao contrário.

— Depois das primeiras vezes, perde a graça. — Ele riu e ofereceu o braço. — Devemos nos juntar aos outros.

Ela colocou a mão em seu braço estendido e soltou um suspiro exagerado. — Acho que terei que rasgar suas roupas outra hora.

Seus olhos brilharam enquanto ele segurava a porta de vidro para ela. — Espero que você não fique desapontada.

Como se eu pudesse. Com um rosto de arcanjo, ele era tão bonito quanto um homem poderia ser sem se parecer nem um pouco com uma mulher.

Além do mais, ele beijava como os anjos no céu, embora Verushka duvidasse que anjos se beijassem no céu, muito menos como ele fazia. — Gostei desses minutos a sós com você. — *Ai. Que sem graça.*

Assim que voltaram ao salão, duas jovens recepcionistas se aproximaram deles, não dando tempo para trocarem outras palavras.

— Estou ansioso para a nossa próxima vez. Até depois do jantar.

Ele fez uma pequena reverência sobre a mão dela antes de deixá-la seguir a recepcionista.

Com os olhos colados em Verushka, ele sentiu um grunhido animalesco de luxúria subir do fundo de sua garganta ao perceber que a maioria dos homens por quem ela passava não conseguia deixar de fixar os olhos em sua fabulosa forma feminina, as pernas atléticas caminhando em perfeita forma através da transparência sensual e elegante de seu vestido longo.

Por Deus, ele a teria.

*image
not
available*

— O grão-duque pode até ser um banqueiro rico e ter excelente linhagem, Darinka — continuou Mykhaila enquanto seguiam a recepcionista —, mas ele não é um zaharaense e Verushka só pode se casar um homem de Zahara. O Duque de Sevastopol me perguntou por você outro dia. Ele daria um marido interessante. Apesar de já ter quase setenta anos, ele é bem rico e ainda deve ter virilidade suficiente para engravidar você, *Dochka*.

— *Maty...* — sussurrou Verushka, chocada com o raciocínio da mãe. — Os netos dele tem quase a minha idade!

— Tem as suas vantagens. Um homem mais velho não irá lhe importunar tanto quanto um mais moço.

Verushka piscou. — Importunar?

— Sexo. Homens mais novos costumam querer muito sexo.

— Credo, *Maty!* — Darinka levou a mão ao peito. — Imagina a Ver procurando os balangandãs todos enrugados do duque debaixo daquela barriga gigante...

— Isso não é assunto para você, mocinha.

Darinka fez uma careta para a mãe. — Graças a Deus não tenho que me casar por obrigação. Nem preciso me manter virgem.

Antes que sua mãe tivesse uma síncope, Darinka correu para o seu lugar.

Verushka suspirou.

Ela sempre teve ciúme de Darinka por ser capaz de ter a liberdade de escolher o amor ao invés do dever. Se bem que agora, graças a Catarina, ela também teria essa oportunidade.

Antes de se separar da filha, Mykhaila avisou: — E nem pense em ir para a varanda com esse homem, Verushka. Você ainda é a princesa herdeira.

Não vou pensar, Maty, prometo.

Embora Verushka não estivesse procurando por um marido, nem por amor, ela certamente estava procurando por diversão.

Vou é fazer.

*image
not
available*

palavras educadas, sua atenção foi solicitada pela mulher a seu lado.

Seus olhos vagaram para Ivan novamente, com uma crescente sensação de preocupação. Sentado entre Darinka e outra mulher que ela não conhecia, ele parecia conversar bastante com sua irmã.

Uma nova emoção surgiu no peito de Verushka. Claro, não era ciúme. Nem nada a ver com noções românticas ou possessivas. Eles compartilharam apenas um beijo.

Um beijo magnífico. E se algo mais acontecesse hoje à noite, seria tudo que o poderiam ter.

O homem à sua direita, aquele que estava dançando com sua mãe, deu-lhe um sorriso tenso e ofereceu sua mão assim que ela se acomodou. — Kurt Addington.

Certamente não era um nome que ela reconhecesse, mas segurou levemente a mão dele. — Princesa Verushka de Zahara.

— Sim, eu sei. Você é uma das novas irmãs de Catarina.

Da, sou. Verushka manteve o sorriso no rosto.

Ele sorriu de volta para ela. — Eu sou o irmão adotivo dela.

— Ah, claro, que prazer. — Ela estava curiosa sobre sua nova irmã e ele pode ser a pessoa perfeita para perguntar. — Imagino que você a conheça bem.

Ele sorriu e abaixou a cabeça concordando. — Gosto de pensar que sim.

— Como ela é?

Seus olhos caíram sobre ela enquanto ele pensava em como responder a sua pergunta.

Ela se sentia como se estivesse sendo julgada e esperava que ele não encontrasse defeito.

— Ela é muito calorosa e carinhosa — disse finalmente.

Calorosa e carinhosa. Ela abriu a boca para perguntar sobre as opiniões políticas de Catarina, apenas para perceber que se importava menos com isso e mais com ela como pessoa. — Qual é a sua cor favorita?

— Lavanda. — Ele deu uma risadinha. — Ela adorava tanto que

*image
not
available*

— Verushka.

— Estou ouvindo... — E ela estava. Muito mais do que seu irmão provavelmente acreditava. Até aquele momento, não tinha percebido o quanto suas responsabilidades a estrangulavam.

Eu te escuto. E eu realmente não me importo. Pela primeira vez, vou ser estúpida.

— Você não pode se envolver com ele. Mesmo que ele não fosse estrangeiro, é muito mais velho e ainda é o tipo de homem que usa as mulheres e as joga fora. Você não...

— Vou ignorar seu comentário grosseiro e machista porque Ivan é exatamente o que estou procurando. — Verushka levantou o queixo. — Estamos no século vinte e um. Pretendo usá-lo, também. E muito. E depois... *adieu*.

Os lábios apertados em uma linha fina diziam a ela que ele não estava contente com a ideia.

— *Ine*, por favor?

O apelido que ela o chamava quando era pequena e ainda não sabia falar direito saiu sem querer. E ele arfou e fez uma careta, como se ela tivesse lhe machucado.

— Não quero que a mãe saiba. Pedi ajuda a Darinka, mas seria melhor se você ajudasse também.

Com as sobrancelhas baixas, Konstantine a estudou por um momento. — Se você precisar de alguma coisa, me ligue.

Na ponta dos pés, ela tascou um beijo no rosto dele, dizendo: — Obrigada!

Apesar de ser óbvio que Konstantine não estava feliz com a situação, ele manobrou habilmente a madastra e a despachou com Darinka, que fazia uma careta como se realmente estivesse com dor de cabeça.

Assim que ele fechou a porta da limusine e o carro se afastou, Konstantine fez sinal para o segundo carro da equipe de segurança esperar. Quando o segurança abriu o vidro, Konstantine informou: — Vou com vocês. Mas primeiro quero dar uma volta na cidade.

A quebra de protocolo deixou o segurança boquiaberto, mas não ousou questionar o rei, apenas voltou os olhos para Verushka,

*image
not
available*

casa branca de 3 andares.

Ela se virou para olhar pela janela, o nervosismo aumentando. O silêncio encheu o carro.

Seu pulso estava um pouco rápido demais e ela estava começando a pensar que ir à casa dele não foi uma boa ideia.

Ela não o conhecia. Ele bem que podia ser um daqueles caras que só cuidavam de seu próprio prazer. Ou sei lá, algum tarado que tivesse manias estranhas.

E da maneira como eu me ofereci...

Mas não, ela não se ofereceu coisíssima nenhuma. Ela estava no século vinte e um e se estava a fim de sexo não havia mal nenhum em aproveitar já que ele parecia mais do que disposto.

O carro passou pelos portões e parou defronte de uma porta alta. Ivan saltou e deu a volta para abrir a porta para ela.

Colocando a mão na dele, ela saltou do carro e lhe deu um sorriso. — Casa linda.

— Obrigado. — Na porta, ele abriu e gesticulou para que ela entrasse. — Damas primeiro.

Sim, ela estava animada – e meio desesperada, também – para finalmente perder a virgindade com um homem experiente, educado e galante como Ivan.

Ela iria – poderia – fazê-lo desejá-la naquela noite e talvez em algumas noites extras, se as coisas corressem bem. E quando ela já estivesse satisfeita, ela agradeceria o tempo juntos e voltaria para Zahara para colocar alguma ordem em sua vida.

Vivendo, era isso o que ela estava fazendo. Possivelmente, pela primeira vez em toda sua vida, Verushka estava vivendo.

Trancando a porta, Ivan observou atentamente a reação da jovem, intrigado. Quando a convidou para sua casa, deixando claro suas expectativas, esperava que ela dissesse sim.

Afinal, ela tinha ficado sozinha na festa depois de dar a entender que estaria disposta a mais.

Mas agora estava claro que ela estava insegura e não tinha muita experiência com homens.

Sem querer apressar as coisas ou fazer o que ela se sentisse

*image
not
available*

no sofá, o joelho forçando as coxas femininas a se separarem.

A mão dele correu suavemente sobre a perna nua, subindo e descendo, até encontrar a calcinha e esfregá-la com o polegar. Apenas uma carícia leve.

Que fez o interior dela se apertar e a deixou com vontade de mais. Ela precisava de algo dentro dela. Dedos, pau, qualquer coisa. Interrompendo o beijo, ela pediu: — Ivan, por favor. Eu preciso...

— *Ja*, eu sei... Também preciso. — A respiração dele estava áspera e a voz, rouca. Ele mordiscou o lóbulo da orelha dela e sussurrou: — Só quero te sentir mais um pouco... A espera vai valer a pena. Prometo.

Ela estava tonta, com vertigens e nem pensou em nada quando ele puxou o decote com força para baixo, expondo parte de seus seios.

— Olha só esses seios. Mais tarde, vou esporrar eles todinhos.

O rosnado meio selvagem e a sugestão lasciva e chocante ecoaram dentro dela, reverberando ao longo de sua pele.

— Vai? — arfou ela, entre surpresa e muito excitada. Ninguém ousou falar com ela assim. Na verdade, ninguém nunca a tinha tocado assim.

— Vou. — Ele esfregou o pau duro na coxa dela e apertou os seios um contra o outro. — Depois de foder eles.

Ela não conseguia imaginar como seria e ia perguntar, mas ele passou os polegares sobre os mamilos duros e os beliscou, enviando ondas de calor escaldante para o seu sexo.

— Ah, meu Deus. Pode fazer o que você quiser.

— Sei disso. — Ele deu uma risada curta e baixa enquanto empurrava a manga do vestido, liberando um braço e um seio que ele pegou na mão. — E garanto que você vai gostar de tudo o que eu fizer.

O homem era arrogante, mas ela estava amando aquela arrogância, especialmente porque agora sua boca que estava fechada sobre um mamilo pontudo, lambendo e chupando o seu seio, enquanto a outra mão intercalava entre puxões suaves e beliscões leves e carícias na parte de baixo e na lateral do outro

*image
not
available*

chupou.

Os olhos dela se arregalaram.

A vontade de Ivan era de esfregar seus dedos naquela boca linda, para que ela se provasse, mas agora ele sabia que teria que ir mais devagar.

Lambendo os lábios, ele continuou: — Pois é, Verushka, essa sua umidade deliciosa – e eu ainda nem comecei – me diz que quem falou que você é frígida não só estava errado, como é um idiota.

Um suspiro de alívio escapou dela. — Então... eu ser virgem... não é um problema?

— *Nein.* — Ele balançou a cabeça para ela e havia um sorriso suave em seus lábios.

Levantando-se, ele estendeu a mão para ela.

Porque se ele ia tirar a virgindade daquela mulher linda e doce, não seria em um sofá na sala, mas na cama, onde ela estivesse cercada de suavidade e à vontade.

Sem pressa, mas em meio a beijos ardentes, que dissessem o quanto ele não se importava com nada daquilo, ele a guiou para seu quarto, fechando a porta suavemente atrás dele. — Se precisa ser alguma coisa, Verushka, será uma honra.

*image
not
available*

Sua dedicação em beijar, acariciar e explorar a parte superior de seu corpo a fez se perguntar se talvez ela era realmente atraente e além disso a maneira como ele parecia satisfeito com seu corpo a fez relaxar na cama e se entregar a ele.

Talvez ela não fosse frígida, talvez tivesse sido apenas uma parceira relutante com adolescentes muito ineptos e um homem indiferente como noivo. Talvez tudo aquilo que tinham lhe ensinado sobre sexo – como se portar – fosse o problema.

Agora, enquanto ele descia para beijar e acariciar seu abdômen e suas pernas, ela parou de pensar, parou de lembrar como deveria se comportar e começou a entrar em contato com as miríades de sensações que percorriam seu corpo, embora fosse um pouco assustador.

Seu peito doía. Ela queria gritar, mas a intensidade de suas emoções estava presa em sua garganta, então apenas um gemido escapou dela.

Quando ele começou a voltar para seus quadris, depois de adorar e conquistar quase cada centímetro das pernas dela, ela estava se contorcendo contra as cordas, seu corpo arqueando de desejo no colchão. — Por favor.

— Existe algum outro lugar que você quer que eu toque em você? — perguntou Ivan enquanto abria suas pernas e se posicionava entre elas.

— Quero você mais perto. — Ela arfou e, não completamente certa do que estava implorando, gemeu: — *Pozhaluysta*.

— Por favor? — repetiu ele a palavra suavemente. — Você quer que eu acabe com o seu tormento?

Ela levantou o joelho, tentando trazê-lo para mais perto, mas Ivan rosnou e moveu uma mão para seu estômago, segurando-a. Delicadamente, ele esfregou os dedos contra seu sexo úmido, testando o aperto de seu canal.

Sua língua se arrastou atrás de seus dedos, ao longo de sua barriga, beijando seu quadril, e então ele sussurrou: — Vou comer essa bocetinha rosada.

— Ivan.

*image
not
available*

cruzando os braços sobre o peito.

— Não gosto de sua atitude condescendente e depreciativa. — Bodashka limpou um bloco de concreto e se acomodou sobre ele, deixando cair a mochila pesada no chão a seus pés com um baque. — Sou a fonte de dinheiro deste grupo. Mereço respeito.

— O dinheiro que você traz, é da venda dos nossos produtos. Nada mais — contradisse a voz de Marcelín Grau lá do outro canto. Ele acabou de enrolar um cigarro, dando uma torção final, então o acendeu.

— Essa é uma abordagem multifacetada — respondeu Bodashka, movendo a mão no ar para espantar a fumaça que se espalhava. — Não seríamos capazes de realizar uma fração do que fazemos sem o dinheiro que *eu* lavo. Coloco a minha empresa em risco ao esquentar o...

— Chega de falar de dinheiro — comandou Sasha. — Os fatos são o que são. Você não se casou com a princesa. Agora, o espião que coloquei na cola dela relatou que ela foi vista em Tara com um homem tão rico, mas tão rico que faz você parecer um vagabundo. Sem falar que o cara é de fazer qualquer mulher babar, quanto mais uma *novilhinha* inocente como a vagabunda. Então, reacender o antigo romance, se é que algum dia houve romance da sua parte, vai ser ainda mais difícil agora.

— Continuo achando que me casar com a princesa é um bom plano... — resmungou Bodashka.

— Não concordo. Um homem tem que fazer mais do que se casar com uma mulher para mudar o pensamento dela — disse Annika Tatoryn, a mais nova parceira do grupo secreto. — Só o amor faz isso e a Princesa de Gelo nunca te amou. Esses membros da realeza são pessoas estranhas e frias.

— Você está absolutamente certa quanto ao amor mudar o pensamento — concordou Bodashka. Ele olhou pelas janelas sujas em direção ao pico mais alto dos Elbrus, antes de continuar seus pensamentos —, mas a mulher não é exatamente fria, ela é *frígida*. Ficava lá impassível enquanto eu a beijava e a apalpava... Só de imaginar a noite de núpcias...

*image
not
available*

— Ele deve é tê-la levado para a casa dele, com a intenção de tirar sua inocência esta noite — disse Mykhaila com raiva. — Atacando-a quando ela está mais vulnerável.

Darinka suspirou e se sentou ao lado do irmão, enquanto a mãe continua a resmungar e andar de um lado para o outro na sala de estar.

Com um pijama de algodão preto de manga curta e shorts, descalço e descabelado, Konstantine não parecia o rei de Zahara, mas um homem normal — tão normal quanto um homem muito rico e cheio de problemas poderia parecer.

Mas Darinka sabia que isso era apenas uma ilusão. Seu irmão estava constantemente muito preocupado com a situação política de Zahara.

— *Khristos* — sussurrou Darinka para o irmão. — Deveríamos ter pensado isso melhor.

— O que foi que você disse, *Dochka*?

Darinka ergueu os olhos para sua mãe. — Nada, *Maty*.

— Você — declarou Mykhaila, apontando um dedo para a filha e depois para Konstantine — e você também! Vocês sabiam! Estão encobrindo Verushka!

— Por favor... — sussurrou Konstantine para o teto. — Mykhaila... Verushka é adulta.

— Ela pode cuidar de si mesma — disse Darinka. — E além de merecer um pouco de diversão, o grão-duque parece apropriado para o trabalho.

Os pés de Konstantine caíram no chão com um golpe definitivo enquanto ele se levantava. — E nós estaremos aqui para juntar os cacos quando ele partir o coração dela.

Darinka balançou a cabeça. — Mas Verushka não quer se apaixonar.

Konstantine bufou enquanto ia até ao bar, servindo-se de armagnac. Erguendo o copo, ele saldou: — *Salyut*. Que Verushka se divirta!

Konstantine não disse mais nada, mas a expressão em seu rosto disse às mulheres tudo que precisavam saber sobre como se sentia.

*image
not
available*

profundezas em estocadas longas. — Goza, gostosa.

— Ah. *Da* — gritou ela, suas unhas arranhando seu couro cabeludo. — Mais... Ah, *Khristos!*

— Isso, vem, goza gostoso.

O torso dela arqueou na cama. Arfando e estremeando em seus braços, ela explodiu em um grito glorioso: — Ivan!

A maneira como ela se apertou ao redor dele foi quase dolorosa e quebrou o controle dele. — *Gott*, vou gozar tão forte.

Os quadris empurrando seu pau com toda força no canal apertadinho, sua mão agarrando sua cabeça para um beijo. Seu saco se encolheu, um raio passou por ele, então o orgasmo saiu em longos jatos, ordenhando-o, deixando vazio.

— *Verushka* — suspirou ele em sua boca, empurrando uma última vez dentro dela.

Fracamente, ele caiu para o lado, respirando com dificuldade. Ele nunca se conteve por tanto tempo ou sentiu um clímax tão poderoso.

— Meu corpo inteiro está dormente — ronronou ela contra sua pele. — Deliciosamente entorpecido.

Sem palavras, ele sorriu e puxou-a para ele.

— Foi...? Você gozou...? — perguntou ela, olhando para ele através de seus longos cílios negros.

Como ela pode perguntar? Ivan rolou para se livrar da camisinha, odiando a expressão de insegurança no rosto dela, mas feliz por ela não ter escondido isso dele. *Ela está envergonhada. Nervosa antes, e agora envergonhada.*

Ele esperava que um dia encontrar o cara que confundiu a confiança daquela mulher tão especial porque ele ia quebrar o nariz do desgraçado.

A profundidade de suas emoções o pegou de surpresa. Ele a puxou de volta para seus braços.

— Você não tem ideia de como você é sexy, *Prinzessin*, tem? — perguntou ele, acariciando seu pescoço, sua mão deslizando pelas costas dela. — Gostosa, sexy, linda.

Ele acariciou seu rosto e ela deu um leve beijo em sua palma.

*image
not
available*

Ele esticou o braço e puxou-a para si. — O que você quer fazer hoje?

Ela não sabia. O que sabia era que *não* queria voltar para casa, mas também não tinha roupas com ela. Queria que o dia fosse bastante improvisado.

Uma pontada de dor pulsou dentro dela, um desejo por uma família que pudesse ir a um simples piquenique ou um passeio pelo parque, coisas normais que a maioria das famílias fazia. Mas a família Vorontsov não era como a maioria das famílias.

Ela apoiou os antebraços no peito dele, apoiou o queixo nas costas das mãos e olhou para ele, sentindo-se como se fosse a coisa mais natural do mundo. Era isso que ela queria: ser normal.

Colocando a cabeça nas mãos cruzadas sobre o travesseiro, ele sorriu. — Você já tem uma ideia.

— Bom, estou acordada há mais tempo do que você. — Ela cruzou e descruzou as pernas esticadas atrás dela, perdendo-se na luz daqueles olhos incrivelmente azuis. — Quero ver o seu país através dos seus olhos.

Ele riu. — Em um dia? Tara Românesca é pequena, mas não *tão* pequena.

Ela balançou a cabeça e encolheu os ombros. — É tudo o que temos. Nós dois temos que voltar ao trabalho amanhã.

— Na verdade, eu não. Quando você tem que voltar?

O coração dela doeu com a ideia de voltar. *Quando eu me tornei uma... bobinha romântica?* Ela riu de si mesma. *Quem mais sente algo por um homem e depois se chama de bobinha romântica?* Mas sua vida não tinha espaço para romance. Mas hoje o dia era dela e o mundo real podia ficar do lado de fora por enquanto. — Esta noite. No máximo, amanhã.

— Ah, então temos o dia de hoje. — Ele sorriu, puxando-a até que seus lábios se encontrassem, reivindicando seus lábios, deixando-a sem fôlego e ansiosa por mais. — Como você está sentindo?

— Estupenda. — Ela sorriu para ele.

Ele passou a mão por suas costas e bunda, apertou levemente e,

*image
not
available*

CHAPTER 15



Tara

12:30

— *P*recisamos voltar para Zahara. Imediatamente — disse Konstantine ao observar Mykhaila colocar o celular de volta na bolsa e cruzar as mãos sobre o colo.

— Ela ainda não viu as mensagens.

Ele franziu a testa e olhou para o relógio. Já era meio-dia e meia e ele sabia que, além de Verushka ser madrugadora, ela não iria ignorar intencionalmente um telefonema de sua mãe. — Talvez o telefone dela esteja sem bateria.

Mykhaila soltou um suspiro. — Isso não é típico da minha filha.

Ele tinha que admitir que, realmente, Verushka não se deixaria ficar sem bateria, e mesmo que tal acontecesse, ela teria ligado para dar notícias. Só havia uma pessoa para culpar por isso. Além do mais, duvidava que sua irmã tivesse visto as notícias da manhã.

— Eu sei — respondeu Konstantine, levantando-se e caminhando até a janela e girando nos calcanhares, apoiou-se no parapeito.

O sol entrava através das janelas de vidro da suíte, destacando a roupa cinza-pomba que a madrasta usava, que contrastava com o

*image
not
available*

Adoraria mantê-la assim: nua e tão irresistível em sua cama, enrolada em seus lençóis. Mas por mais que estivesse de novo de pau duro, não iria tentá-la com mais uma foda orgástica. A noite anterior foi a primeira vez dela e depois da doce e lenta sessão de amor esta manhã, mais sexo só a deixaria dolorida.

Ele não queria isso, apesar de seu corpo querer penetrar aquele aperto quente, se perder dentro daquela caverna aveludada. Foder aqueles peitos cheios e lindos. Comer aquela bundinha. Gozar na sua boca.

Ele fez uma pausa na busca pela roupa que ia usar para apertar a cabeça do seu pau porque mais um pouco ia gozar.

Levando suas roupas para o banheiro, ele balançou a cabeça para si mesmo.

Ele tivera várias fodas de uma noite com algumas das mulheres mais gostosas da Europa, mas por alguma razão, a ideia de não ter Verushka em sua cama novamente não o agradava.



Assim que ele entrou no banheiro, Verushka pulou da cama e agarrou a camisa branca do smoking dele, colocando-a. Depois de abotoá-la, arregaçou as mangas e começou a procurar sua bolsa, mas então se lembrou de que a deixara na mesa de centro da sala na noite anterior.

Então percebeu que estava de pé, seminua, no quarto de um solteirão – um solteirão muito quente, muito sexy e muito experiente que tinha dado a ela dois orgasmos incríveis na noite anterior e outro esta manhã – e riu.

Quem poderia imaginar que isso pudesse acontecer?

Certamente não ela. Por um momento, ela simplesmente examinou o ambiente. A decoração era definitivamente masculina, sem enfeites femininos. Em tons quentes de cobre e marinho, de um lado ficava a imensa cama de dossel e do outro, um grande sofá com um puff para os pés em frente a uma televisão de tela plana enorme.

*image
not
available*



Embora Ivan soubesse que Verushka já tinha visitado todas as principais atrações em Tara, a capital de Tara Românesca, com sua meia-irmã, Catarina, ele fez um rápido tour por alguns desses locais históricos dando a ela o seu ponto de vista.

— Onde estamos indo? — perguntou Verushka, quando ele pegou a estrada para o norte.

Ivan olhou para ela.

Seus cabelos escuros caindo pelas costas em ondas soltas, Verushka estava deslumbrante em jeans pretos, uma camisa de botão branca com um cardigã vermelho sangue jogado descuidadamente sobre os ombros e tênis Gucci.

— Vou te mostrar algo diferente.

Ele baixou o teto de seu Mercedes AMG preto com o apertar de um botão e aumentou um pouco a música.

— Você está quieta — comentou ele, colocando a mão em sua coxa.

Ela estava subjugada desde o telefonema para o hotel. Ele não tinha certeza do porquê – as poucas palavras apressadas que ele pôde ouvir eram em zaharaês, e embora ele soubesse um pouco de russo não dava para compreender –, mas ele teria apostado um bom dinheiro que a mãe e o irmão dela não tinham visto com bons olhos o fato dela ter passado a noite com ele e haviam chamado sua atenção. O que o deixou com um sentimento de raiva. Ele se lembrava muito bem de quando seu pai o repreendia por fazer ou

*image
not
available*

— Ah, mas essa é a beleza disso. Não há barulho. — Parecia tão natural caminhar com ela, estar com ela, que o fez perceber que até aquele momento nunca compartilhara essa parte de sua vida com outra mulher.

Em muitos aspectos, Tara Românesca lembrava Zahara. Apesar da arquitetura ser completamente diferente, com uma forte influência suíça, havia algo no ar que falava do passado e do folclore do povo.

E isso agradava à Verushka.

A caminho de um de seus restaurantes favoritos, Ivan explicou como havia criado o projeto de reforma da vila sem mexer na estrutura anciã, sem aumentar os impostos, e sem sobrecarregar o reino com os gastos enormes que eram necessários para tal. Ele se formara em engenharia antes de acompanhar Theodoros no MBA em finanças, o que o ajudou a aprimorar suas habilidades em engenharia. O amor por trabalhar com restauração de construções antigas, somado com seu desejo de ajudar os outros, fizera o projeto nascer.

— O que falta à maioria dos engenheiros hoje é o pensamento sistêmico. Olhar para os problemas de um ângulo diferente e formular soluções engenhosas para ajudar a humanidade a avançar sem destruir o que há de bom. — Com um dar de ombros, ele acrescentou: — Uma das coisas que Theodoros e eu combinamos quando ele se juntou ao banco da família, foi que teríamos sempre um fundo destinado para melhorias no reino.

Assim que entraram no restaurante pequeno e simples – o tipo de lugar que ela amava – um senhor veio ao encontro deles, estendendo a mão para Ivan e bradando: — Que prazer em vê-lo.

— Garron, é bom ver você. — Ivan sorriu e o cumprimentou de volta. — E esta é Verushka.

Garron ergueu as sobrancelhas para Ivan antes de segurar a mão dela entre as suas e abrir um sorriso. — Muito prazer.

— O prazer é todo meu. — Em momentos como esse, ela se sentia parte do mundo normal.

Aqueles que podiam andar em uma rua sem serem

*image
not
available*

CHAPTER 17



*I*van estava se sentindo como uma criança em uma loja de doces com o interesse demonstrado por Verushka. Podia ver o quão atenta estava aos seus relatos, as perguntas pertinentes que fazia sobre os pontos táticos de implementação do projeto e como sorria para as pessoas que vinham falar com ele, a maneira que prestava atenção nas histórias de cada um.

Com interesse – e espanto e incredulidade.

Estava ali naqueles lindos olhos de chocolate o deleite e a avidez com que absorvia cada sorriso dado a ela, cada tapinha dado nas costas dele ou aperto de mão.

Essa era uma das dificuldades sobre celebridades e dignitários de estado. Às vezes, a pessoa desaparecia por trás de todo o glamour, pompa e circunstância fazendo com que momentos como esse fossem raros. Momentos em que se fazia mais do que ver, mas enxergar; compartilhar, sem ter que pensar em cada palavra a ser pronunciada; e simplesmente ser, sem medo de julgamentos.

Por tudo isso ele não queria que o dia acabasse.

Depois que os pratos foram retirados, ele se inclinou e pegou a mão de Verushka. — Então, qual é a sua resposta?

Ela não teve que perguntar sobre o quê. Estava debatendo consigo mesma se deveria voltar ou não; se poderia negligenciar seus deveres por uma semana; se poderia arriscar a expor seu coração a este homem incrível por mais tempo. — Não posso ficar tanto tempo...

Já tinha decidido que queria passar o máximo de tempo

*image
not
available*

*image
not
available*

— Perdão. — Ela colocou a mão no rosto dele. — Não tive a intenção de trazer memórias ruins.

— Foi há muito tempo, não importa. Eu não era tão grande ou forte, ou tão popular quanto sou agora e fui escolhido para bode expiatório. Até que me cansei disso, de ser o que não fazia nada errado e levava a culpa de tudo, de ser o saco de pancadas deles... Um dia, quando eles vieram me bater, eu ataquei.

— Você bateu bastante?

Os olhos dela brilhavam de raiva, o que o fez rir.

— *Nein*. Corri para bater no primeiro garoto e escorreguei em uma poça de lama. — Ele ria agora, mas ainda podia sentir a frieza da lama pegajosa escorrendo para dentro seu uniforme, a risada ecoando no pátio. Sua humilhação. Sem mencionar os chutes que se seguiram.

— Puxa!

Ele deu um muxoxo. — Acabei na enfermaria com três costelas quebradas e machucados pelo corpo todo.

Fora há muito tempo. Ele era uma pessoa diferente do que a criança assustada e solitária que só desejava fazer amigos em um lugar desconhecido.

Mas a lembrança ainda doía.

Doía mais porque seus pais foram chamados ao colégio. Furioso, não com os meninos que o machucaram, mas ele por não se defender, seu pai deu-lhe um esporro e chamou-o de fraco e imprestável na frente dos médicos, dos professores e do diretor. E sua mãe ficou calada.

— *Khristos mio* — disse Verushka suavemente, puxando-se para cima em seu colo e segurando seu rosto com a mão. — Por que eles seriam tão brutais com uma criança?

Ivan encolheu os ombros. Theodoros tinha chegado uma semana depois, mas eles não se tornaram amigos de imediato já que Ivan não tinha certeza de que lado Theodoros ficaria. — Crianças são cruéis.

— Bem, como no caso de Garron, há males que vem para bem, porque está claro para mim que isso o fez determinado a ter

*image
not
available*

CHAPTER 19



Segunda, 11 de maio de 2015

09:00

*J*van acordou sentindo-se animado. Seus braços envolveram Verushka, puxando-a para mais perto de seu corpo, uma sensação de contentamento tirando um suspiro satisfeito de seu peito.

Ele correu os dedos ao longo do couro cabeludo dela, massageando e estimulando, e os deixou deslizar para baixo na massa pesada de seus cabelos negros.

Ela gemeu e se moveu, pressionando a cabeça na ponta dos dedos dele, parecendo uma gata.

— Gostoso?

— Mmm — foi o único som que ela fez. Seus olhos permaneceram fechados e ela se espreguiçou, roçando o corpo no dele.

Por mais divertido que fosse observá-la, ele tinha planejado uma tarde e noite movimentada e se eles quisessem aproveitar ao máximo ele tinha que se mexer.

— Volto já. — Com um beijo na testa dela, ele se levantou e foi até a cozinha, preparando uma bandeja de café da manhã para ela

Quer uma?

— *Niet*, obrigada. — Grata por ele não zombar de seu comentário patético. Ela colocou a mão em seu estômago ainda cheio do banquete que Ivan tinha servido no café da manhã. — Não consigo nem pensar em comer ou beber.

Os olhos azuis de Vladimir, tão parecidos com os de Ivan, piscaram duas vezes antes de ele perguntar: — Meu irmão te engravidou?

— Óbvio que não. — *Que tipo de pergunta é essa?*

Verushka e Vladimir se viraram ao ouvir a voz de Ivan.

Mesmo vestido com jeans cinza-chumbo e uma camisa de mangas compridas cinza-claro que abraçava cada centímetro de seus ombros largos e peito, com seu cabelo loiro comprido ainda molhado, enrolando na nuca, Ivan tinha uma virilidade mal contida, como um animal selvagem aprisionado. Que a deixava com uma vontade louca de libertá-lo – talvez mais tarde... talvez hoje à noite.

Verushka olhou para Vladimir e depois para Ivan. Uma mulher menos segura poderia ser engolfada por tanta testosterona que aqueles proverbiais altos, morenos e bonitos homens dos romances estavam exalando – exceto que estes eram altos, loiros e bonitos – já Verushka estava adorando.

— *Niet*, ele não fez isso – concordou Verushka. — É que ele me serviu um banquete de café da manhã na cama.

Assim que as palavras saíram, seu rosto ficou quente.

Vladimir olhou para Verushka e depois para Ivan. — O que está acontecendo aqui?

— Nada. — Verushka e Ivan disseram em uníssono.

— Se vocês dois dizem... — pigarreou Vladimir. — Queria conversar com você sobre uma coisa, mas se este for um momento ruim, talvez você possa passar no meu apartamento. Assim que possível. — Ele deu a seu irmão um olhar que adicionou intensidade a suas palavras e desmentiu a desculpa educada.

— Vou retocar a maquiagem lá em cima.

Vladimir arqueou uma sobrancelha para Ivan. — Não perde

*image
not
available*

imaginar era algum tipo de festa à fantasia porque ele também tinha trocado a camiseta por uma espécie de blusa branca bufante com um colete bordado de dourado por cima.

Ele sorriu para ela, mas não disse nada enquanto fechava a porta do carro e dava a volta para o lado do motorista.

Sua vida inteira era regulada por horários e responsabilidades rígidas, mas de alguma jeito ele a fazia se sentir tão confortável que ela não tinha medo de ser espontânea.

— Vamos a um casamento, mas não são permitidas fotos — disse ele, manobrando através do tráfego com determinação e uma *finesse* masculina que ele tinha em tudo o que fazia.

— Secreto?

— Sim e não. A bisneta de Django está se casando e eles gostam de sua privacidade e não gostam de estranhos. Eles são bastante... cuidadosos, para não dizer desconfiados.

De repente, ela entendeu que estavam indo para a vila dos romani. — Porquê?

— Se você tivesse sido perseguida tanto quanto eles, você também seria cautelosa. Sem falar que, nos dias de hoje, poucas pessoas aceitariam as regras da sociedade romani sem questioná-las...

Quando ela levantou uma sobrancelha, ele explicou: — Entre outras coisas, casamentos romanis são arranjados... a noiva só tem quinze anos.

— Jura? Mas é uma menina... E o noivo?

— Não tenho certeza, mas Aguilar deve ter uns vinte e dois, vinte e três. — Ele podia ouvir o choque mal disfarçado na voz dela e não queria que ficasse uma má-impressão. — Eles se orgulham de seguir as tradições centenárias. Não acho que temos direito a questioná-las se elas funcionam bem na comunidade.

— Não temos romanis em Zahara, mas temos alguns núcleos kalderash, que, às vezes, cruzam as fronteiras da Ucrânia e da Rússia para vender seus objetos. — O povo de Zahara não gostava muito de tê-los na área quando eles apareceram, reclamando que eram ladrões, mas, que ela soubesse, eles nunca haviam causado

*image
not
available*

elétricos.

Fechando os olhos, o clarinete correndo solto, o violino se juntando, pessoas gritando e cantando, ela caiu de volta nas mãos dele quando se levantaram para se acomodar atrás de suas omoplatas. Ele a balançou de um lado para o outro. Seu cabelo caiu atrás dela, em cascata, sentindo-se livre.

A voz da cantora aumentou com urgência, os instrumentos subindo para encontrá-la.

A música ficou febril e quando os homens começaram a cantar, a voz de Ivan juntou-se à dos outros.

Seus olhos encontraram os dela novamente, segurando-a, girando seu corpo, guiando-a com os quadris. Ela obedeceu, incapaz de fazer mais nada.

O mundo desapareceu e havia apenas ele, ela e a música, que aumentou num crescendo e abruptamente terminou.

A multidão gritou, aplaudindo, e o feitiço acabou.

Verushka ofegou, tentando recuperar o fôlego. A música e o ambiente eram estimulantes, mas agora, ela precisava de mais.

— Ei — disse um dos homens ao lado deles, com um sorriso largo no rosto. Ele gesticulou para longe. — Vão embora. Vocês vão botar fogo em todos nós.

Os que estavam por perto riram bem-humorados, e quando o violinista começou uma nova música, sendo logo acompanhado por outro, Ivan pegou sua mão e a levou dali sem resistência.

Ela estava pronta para tudo o que ele pudesse oferecer.

*image
not
available*

cada vez mais fundo, até que com um pequeno impulso dos quadris dele, ele deslizou pela garganta dela suavemente. — *Gott, Verushka!*

Ela gemeu em resposta, a vibração massageando a cabeça apertada na sua garganta.

Suas pernas ficaram tensas e ele puxou as mãos dos cabelos dela, para agarrar a parte de trás do assento com força, deixando-a livre para fazer o que quiser. — Porra, vou gozar.

— Ainda não. — Com essas palavras, ela soltou seu pau e se moveu para lambar e chupar suas bolas, primeiro uma, depois a outra, e em seguida colocando as duas na boca, enviando uma onda de puro prazer por sua espinha com a pressão quente e úmida de seus lábios.

— De volta ao pau — ordenou asperamente, puxando-a pelos cabelos. — Agora.

Obedientemente, ela o levou até o fundo novamente e chupou fazendo-o cerrar os dentes com a intensa pressão em seu saco, o frisson percorrendo sua espinha, o orgasmo explosivo crescendo dentro dele.

— Você vai engolir?

Ela levantou os olhos para ele e soltando o pau dele com um pop, disse: — Quero sua porra quente na minha boca.

O que o mais o surpreendeu não foram as palavras dela, mas o gemido alto e rouco que escapou do peito dele. Aquela mulher era um sonho. — Puta merda, *Prinzessin...*

Com um sorriso safado, ela apertou a mão em volta do pau dele e abaixou a cabeça, os lábios de novo ao redor dele, aumentando o ritmo, movendo-se mais rápido. Para cima e para baixo.

De novo e de novo.

Ivan rosnou e agarrou o cabelo dela nas mãos ao sentir seu saco se apertando. — Vou gozar. Vou te encher toda de porra.

Ele perdeu todo o controle quando ela massageou a cabeça de seu pau contra sua garganta, desencadeando a tempestade.

Jogando a cabeça para trás, ele gozou com um grito inarticulado, seu esperma jorrando quente, sem parar, o clímax o

segurando em um aperto selvagem. E aquela boca quente e úmida que nunca parava, mantendo o ataque feroz aos seus sentidos até que finalmente ele não tinha mais nada para dar a ela.

— *Mein Gott*, chega — gemeu ele, atordoado, totalmente exausto, empurrando a cabeça dela e a puxando para seu colo. — Tudo bem?

— Tudo ótimo — ronronou ela.

Quando ela beijou o canto da boca dele, algo o fez puxá-la para um beijo de língua desesperado, e pela primeira vez na vida, ele sentiu o seu próprio gosto.

Era estranho, era afrodisíaco.

Era perigoso, muito perigoso.

Com um suspiro, ele interrompeu o beijo e sussurrou: — Você é especial.

E, sim, ela era. Perigosamente especial.

Olhando para o céu estrelado, acariciando o cabelo sedoso dela, ele lutou para compreender como o que deveria ter sido apenas uma viagem agradável de volta para sua casa se tornou uma experiência que dificilmente esqueceria.



Quarta-feira, 13 de maio de 2015

20:12

— **O**povo de Zahara está se preparando para uma segunda rodada de protestos antigovernamentais em massa para o dia da Carta Magna. Como informamos anteriormente, no último domingo, com a chegada no jatinho particular do rei e de parte da família real de uma viagem de lazer, grandes comícios em todo o reino levaram a confrontos nos quais dezenas foram presos.

— Viagem de lazer... — resmungou Konstantine.

— Aqui conosco, temos o líder do Movimento pela Democracia de Zahara e figura de proa da oposição, Josep Baldoquinos, convocando os zaharaenses a se mobilizarem novamente daqui a dez dias para o que está sendo chamado de *a mãe de todas as marchas*. Deputado Baldoquinos, pode nos dizer...

— Conte-lhes suas mentiras e propaganda — disse Konstantine, zombando da tela.

— Somos a voz dos ignorados pelo governo. Em seu nome e em solidariedade aos afetados pela pobreza e pelo desemprego, vamos fazer um protesto pacífico, mas bem barulhento. — Baldoquinos ergueu o punho e a multidão atrás dele aplaudiu, erguendo os

próprios punhos e gritando os slogans revolucionários pintados com spray nas paredes do palácio: *Morte à realeza e República agora* estavam escritos. — Este é o século 21 e a realeza não está mais no poder dos países importantes. Precisamos tirar esses sanguessugas do governo. Zahara precisa romper com o passado e ser um líder na UE, e não um país esquecido por Deus que ainda vive na Idade Média. Mesmo lugar, mesma hora. Nós vamos vencer...

— *Poshel na khuy* — murmurou Konstantine enquanto desligava a TV e então repetia para a tela preta — Foda-se.

— Olha o palavreado — repreendeu-o Mykhaila, embora soubesse que ela se sentia da mesma forma. Ela ficou arrasada com o que Zahara havia se tornado por causa desses rebeldes – e por causa de seu falecido marido estar mais interessado em arranjar casos extraconjugais pelo mundo todo do que em governar.

— O que precisamos fazer para impedi-los de protestar? — perguntou Darinka suavemente, preocupação gravada em seu rosto enquanto brincava com Piotr, o filho de Dmitri e de Nina, que estavam aproveitando para dar uma volta nos jardins.

— Essa é a pergunta errada — disse Maxim, da sua poltrona. — A pergunta certa é: o que precisamos fazer para que eles gostem de nós novamente?

— E a resposta a esta pergunta é: progresso — resmungou Nikolai. — E para isso precisamos de cofres cheios e os nossos estão vazios.

— Refiz a lista de pretendentes à mão de Verushka — disse Mykhaila.

— E eu já conversei com cada um separadamente — complementou Maxim. — Devia pedir um aumento pelo acúmulo da função de mediador de casamentos.

— Não reclame — Konstantine resmungou. — Se me der na telha, diminuo o seu salário.

— Todos os pretendentes estão muito entusiasmados em ajudar Zahara a progredir em troca da mão da princesa — disse Mykhaila, voltando ao tópico.

Konstantine praguejou de novo, desta vez não alto o suficiente

para que mais alguém pudesse ouvir. Virando-se para a madrasta, ele fez uma careta de desgosto e disse:— E da virgindade e do corpo jovem da princesa, você esqueceu de acrescentar.

Tudo o que ele queria era paz para seu país natal, para restaurá-lo à sua glória original, como havia sido por gerações. Queria que seu povo andasse mais uma vez pelas ruas, preocupado apenas em não chegar tarde em casa para o jantar, e não em perder o emprego que acabara de deixar.

— Deve haver algo mais que não seja o corpo de Verushka... — A voz de Darinka era baixa, mas Konstantine sabia que não era por causa do bebê —, ou do seu status de rei que tenha valor nesse país. Nós sempre fomos tão ricos...

— Estou tentando encontrar algo, Darinka.

— Eu sei — ela suspirou, aconchegando o bebê no ombro —, mas você tem que ser mais rápido. Estamos à beira de uma revolução. Infelizmente, Konstantine sabia disso.



22:30

*I*van e Verushka tinham passado o dia adorando o corpo um do outro. Cada vez que ele a procurava, ficava surpresa que ele quisesse fazer amor novamente.

Mas a queria e a possuía, já que ela se submetia facilmente a todos os seus caprichos.

No passado, Ivan nunca se conteve quando se tratava de buscar prazeres físicos, mas as mulheres com quem tinha estado eram experientes e entendiam o que ele queria.

Meine Prinzessin ainda é tão inocente.

A hesitação da primeira vez diminuía com cada momento que passavam juntos.

Não porque ela confiava nele que iria arriscar assustá-la só

porque ele estava duro apenas pensando em dobrá-la sobre a mesa, espancá-la e então tomá-la por trás em um frenesi de prazer.

Ou porque ele queria que ela o amarrasse, com os olhos vendados, e obtivesse o prazer de sua carne como bem entendesse.

Nein, ainda não. Seja gentil.

Não que gentil fosse ruim. Ele sabia que às vezes jogos mais safados e duros traziam recompensas climáticas incríveis.

Mas para esta noite, ele tinha outra coisa em mente. Sabia que o tempo deles estava chegando ao fim. E pela primeira vez, não queria que terminasse. *Como posso estar tão atraído por uma mulher assim?*

Ao abrir a porta da sua casa, o ardor de Ivan esfriou imediatamente quando Charles veio recebê-los e comentou baixinho: — Vossa Alteza, Lorde Vladimir está esperando pelo senhor na sala de TV. Parece ser urgente.

— Vou aproveitar para ler meus e-mails — disse Verushka, dando a Ivan privacidade para conversar com seu irmão.

Assim que Ivan entrou na sala de TV, Vladimir não perdeu tempo e disse: — Há um homem fora da sua casa, observando você e Verushka.

— O mesmo que antes?

— *Nein*, o cara é russo e também tem uma câmera com lente profissional. O outro carro foi alugado por uma zaharaense jovem. Provavelmente, são jornalistas querendo fotos, mas...

— Como você descobriu?

— Assim como você, tenho meus contatos — respondeu Frederick, dando-lhe um soco de leve no ombro. — Mas é estranho... As coisas em Zahara estão bem complicadas. Estou preocupado, Ivan.

Ivan reprimiu sua irritação. Por enquanto, com ele, ela estaria segura. — Você está sugerindo que ela vá para casa antes que a imprensa comece a espalhar boatos?

Uma risada curta escapou de seu irmão. — Claro que não. Você e sua princesinha são entretenimento gratuito para todas as idades.

Ele fez uma careta com a mudança inesperada da conversa. — Do que você está falando?

O sorriso do irmão se aprofundou. — Não é segredo, é? Você está obcecado por ela. Levou-a para conhecer o projeto, às compras, para jantar fora e, a cereja do bolo? Vocês foram a atração do casamento da bisneta de Django. Pelo amor de Deus. Você está com todos os sinais de um homem apaixonado.

Fofoca era a moeda da vida, mas, mesmo assim, Ivan ficou um pouco surpreso e muito irritado, pela extensão do conhecimento de Vladimir da sua vida privada.

Friamente, ele disse: — Estou surpreso que você tenha demonstrado tanto interesse em minhas atividades.

Vladimir encolheu os ombros. — É mais um fascínio mórbido. Você é tão indiferente, tão... controlado. Mas era apenas uma questão de tempo até que alguém encontrasse a fenda em sua armadura. Estou apostando na doce princesinha.

— Não seja ridículo — zombou ele. — Ela é apenas isso: uma princesa que precisava de um pouco de descanso e relaxamento, e eu, de bom grado, providenciei. Nada mais.

— Se você diz.

A risada de seu irmão era zombeteira, o que irritou ainda mais Ivan: — Digo.

— Você está mal, irmão. — Vladimir balançou a cabeça. — Bom, vou indo. Fique de olho no camarada aí fora.



*V*olte para casa. Isso é uma ordem.

As palavras piscando na tela do iPhone disseram à Verushka que ela não poderia continuar ignorando o computador como fizera nos últimos dias. Ela enrolou uma toalha em volta do cabelo molhado e, sentando-se no sofá em frente à TV do quarto de Ivan, abriu a mochila e tirou seu laptop. Levou um momento e um suspiro profundo para abri-lo e ligá-lo.

Calafrios percorreram sua espinha ao ler um e-mail do seu conselheiro político, Luís Cébrian, com fotos das passeatas e demonstrações em frente ao palácio.

Em outra mensagem, havia um artigo falando sobre como os novos radicais estavam se tornando algo maior e dando às pessoas o que elas queriam ouvir.

Verushka sabia que não podia mais se esconder. Por mais que estivesse se divertindo, sua família e seu país, precisavam dela e ela estava sendo egoísta em ficar em Tara Românesca.

Ansiosa para ter certeza de que tudo estava bem, ela se pegou discando o número de seu meio-irmão.

— Verushka — respondeu ele, com um audível suspiro de alívio.

— Konstantine. — Ela podia ouvir o cansaço dele pelo telefone. — Vi que o palácio foi vandalizado e que radicais rabiscaram mensagens fortes nas paredes.

— Estava em todas as notícias, Ver. Sua mãe está transtornada, preocupada que a violência vá explodir a qualquer momento.

Parece que vamos ter uma passeata já neste domingo em preparação para o dia da Carta Magna. O serviço secreto está preocupado. Devemos estar unidos para enfrentar esses radicais e mostrar a eles que não vão vencer.

— Vamos resolver essa situação, *Brat*. — Verushka mordiscou o lábio inferior, ouvindo a tristeza em sua voz e a nova revelação colocando um freio em sua causa para ficar. Ela não podia mais viver em sua pequena bolha feliz. A ideia de deixar Ivan fez seu peito doer insuportavelmente. — Na sexta estarei aí...

Ela só queria sonhar um pouco mais, fingir que ninguém havia lhe contado o que estava acontecendo no mundo exterior. Assim que ela voltasse, haveria reuniões intermináveis com longas discussões sobre política e o que fazer.

— Enviarei o avião agora. Precisamos de você aqui — declarou ele, em um tom gelado. — Como seu rei, estou lhe dando uma ordem: venha para casa.

Verushka soltou um suspiro e balançou a cabeça, embora ninguém estivesse lá para ver. — Estarei aí.

— Enviarei a Srta. Arkhangelsky no jato. As coisas estão bem tumultuadas e não a quero sem sua guarda-costas pessoal — disse ele, a preocupação clara no tom sério de sua voz. — Por favor, me avise assim que você pousar.

Ele desligou na cara dela o que a fez encarar o telefone, piscando as lágrimas que ela não tinha certeza se eram de raiva ou de frustração.

— Algo errado?

Verushka colocou o telefone na bolsa antes de olhar para Ivan.

— *Niet*. — A palavra saiu forçada, sua voz tremida. — Não há nada de errado.

Sua agitação mal disfarçada disse a ele que havia. Ele pegou sua mão e puxou-a do sofá, contra seu corpo.

Olhando em seus lindos olhos cor de chocolate, ele suspirou: — De repente, sexta de manhã parece estar muito perto. Queria que você pudesse ficar até domingo à noite.

— Também queria. — *E como*.

Mas em poucas horas tudo entre eles estaria terminado.



Nos arredores de Sankt Zara

Quinta-feira, 14 de maio de 2015

00:15

— *M*erda. — Quando Bodashka finalmente estacionou na frente de sua casa, o inspetor de polícia Alixandre Balaguer, um homem robusto, na casa dos cinquenta, estava esperando por ele, apoiado em seu velho Lada surrado.

— Boa noite, Fadeyushka.

Bodashka sabia que provavelmente os instintos do homem deviam estar soando todos os alarmes e que os longos anos que o inspetor passara na polícia civil o ensinaram a não ignorar seus instintos.

Nos dias ruins Bodashka considerava o inspetor Balaguer o seu cão dos infernos privado, perseguindo-o obstinadamente tentando provar um crime que ele não cometera... ainda.

Em dias melhores, ele simplesmente ignorava o inspetor. — A que devo o desprazer?

— Ainda não tenho certeza, mas pode ser que você mereça muito mais atenção e escrutínio do que tive tempo para lhe dar.

O inspetor Balaguer não foi capaz de comprovar uma única prova de suas suspeitas que pudesse convencer a promotoria zaharaense a dar continuidade ao inquérito. Afinal, deixar uma noiva no altar não era um crime. Mesmo que a noiva em questão fosse a amada princesa herdeira de Zahara.

E apesar das ordens de seus superiores para encerrar o caso, o homem não se conformava.

— Você foi ordenado a parar de me assediar. Preciso ligar para o seu superior novamente?

— Não há necessidade de ficar histérico, Sr. Inocente, é só responder uma pergunta: Onde você estava esta noite entre sete e nove da noite?

— Estava jantando no Gengis Khan's Steakhouse.

— Sozinho?

— Sim, mas todos os garçons são minhas testemunhas. Por quê?

— Explodiram uma bomba perto do palácio. Quando penso na realeza e nos encrenqueiros, você vem sempre à minha mente. Então, pensei em dar uma passada aqui.

— Boa noite, inspetor. — Bodashka fechou a porta e soltou um suspiro, esfregando a mão na testa. Não demoraria muito para que o homem começasse a ligar as pontas.

Ele precisava urgentemente de um plano para seduzir Verushka.

Afinal, se a princesa perdesse a virgindade para ele, ela seria obrigada a casar com ele. Afinal, ele era descendente direto de Gengis Khan, um zaharaense como nenhum outro.

E se não fosse por bem... ele não se incomodaria de fazer por mal.



03:30

Verushka deslizou para fora da cama o mais silenciosamente que pôde e pé ante pé foi para o closet para se vestir e arrumar sua mala.

Com sua bolsa no ombro e carregando a malinha para que não fizesse barulho, ela saiu do quarto, mas não sem antes olhar para Ivan, dormindo entre os lençóis emaranhados, gloriosamente nu. Foi a coisa mais difícil que Verushka já fez.

Ela teve o homem mais intrigante de todos os tempos e Ivan lhe deu um presente precioso, e ela o estava deixando no meio da noite, sem nem se despedir.

Ao menos, deveria deixar uma nota de despedida. Mas, se caísse em mãos erradas, seria uma prova contra ela.

Talvez, algumas linhas para agradecer a hospedagem... mas, isso não lhe soava bem. Porque ele lhe dera muito mais do que uma cama para dormir, dera uma razão para sonhar.

Ela tinha responsabilidades. Precisava estar alerta e atenta, mas, pela primeira vez em toda a sua vida, ela não queria voltar.

Sua aventura foi apenas isso: uma aventura. Maravilhosa, incrível e cheia de novidades e boas energias, mas apenas uma aventura.

Ela finalmente experimentou o que era *viver* de verdade e não queria voltar novamente para o seu... não viver.

Por um momento, com a mão na maçaneta da porta, pensou em mandar tudo para os infernos e voltar para a cama com ele.

Verushka fechou os olhos.

Não sabia se o veria novamente. Com sua programação, era improvável que acontecesse em breve e se acontecesse, ela não teria tempo para entretê-lo. Não do jeito que ele precisava.

Mas seu país precisava dela e não poderia ignorar seus deveres por mais tempo.

Quando seus olhos abriram novamente, sua mão não estava mais tremendo ao girar a chave na fechadura.

Contudo, seu coração doía enquanto se esgueirava para fora da casa e dentro do carro que a esperava, deixando Ivan, sua liberdade e sua felicidade para trás.



Zahara, Sankt Zara

05:10

*V*erushka se assustou com a quantidade de assuntos e trabalho que havia para pôr em dia. Tanta coisa, na verdade, que quase se culpou por ter tirado essa folga mais comprida. *Quase* sendo a palavra-chave, porque nada a faria se arrepender dos dias maravilhosos passados ao lado de Ivan.

Quando o jato real pousou no aeroporto internacional de Zahara, ela já estava a par da situação atual em seu país pelos documentos secretos enviados por seu conselheiro particular e trazidos a bordo por Nastuyne Arkhangelsky, a sua guarda-costas pessoal.

— A imprensa está lhe esperando com veneno o bastante para matar uma cobra — disse Nastuyne enquanto o avião taxiava para o local reservado ao desembarque da família real.

Verushka olhou pela janela antes de encarar sua guarda-costas novamente. — Tão ruim assim?

— Pior. — Nastuyne ajustou os punhos de sua camisa branca, seus óculos escuros refletindo Verushka. — Aumentamos a segurança assim que os grafites com mensagem de ódio